

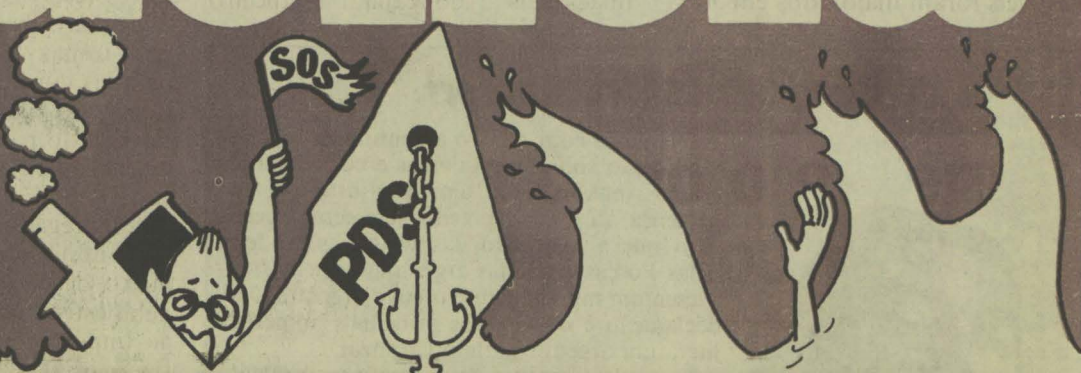
Tribuna Operária

ANO III — Nº 70 — 24 A 30 DE MAIO DE 1982

Cr\$40,00

PDS afunda no mar de lama da Previdência

O ministro Hélio Beltrão suspendeu mais de 3 mil credenciamentos que Jair Soares fez para garantir sua campanha pelo governo gaúcho, antes de deixar a Previdência. É a briga no comando do regime militar pela sucessão de Figueiredo em 1984. Página 3.



Em 33 projetos governo esbanjará 48 trilhões

Deputado Hélio Duque denuncia o plano entreguista. Pág. 8

EDITORIAL

Vigor nas denúncias

Segundo vários órgãos da imprensa, o próprio Jair Soares disse que o general Figueiredo lhe deu a tarefa de "ganhar as eleições de qualquer maneira" no Rio Grande do Sul. E pelo que se vê, para cumprir esta tarefa à risca estão à disposição as verbas do INPS, os cargos da administração pública e toda a máquina estatal.

O general Figueiredo não só orienta os candidatos do PDS. Ele próprio dá o exemplo da política de "ganhar de qualquer maneira". A tal ponto que a partir do próximo dia 30 vai fazer um programa semanal de televisão patrocinado pela Rede Globo. Não se trata de uma programação oficial, como seria de se esperar, para que o presidente da República preste contas de sua atividade ao povo. Isto o general não faz. Nem mesmo um debate com jornalistas para analisar seu governo. Vai ser uma espécie de comercial da Globo, onde Figueiredo aparecerá como cabo eleitoral do PDS, embora as autoridades cinicamente o neguem. Será uma tentativa para embelezar um governo desmoralizado e repudiado pela imensa maioria dos brasileiros, mas que não quer largar o poder.

O presidente não presta contas de seu governo; nem seus ministros, governadores e demais autoridades do PDS. O escândalo do INPS só estourou devido à luta dentro do próprio grupo fechado que monopoliza o poder político e as informações. A lei Falcão existe exatamente para impedir que os candidatos de oposição discutam no rádio e na TV a política do governo e apontem os seus erros e traições.

Mas é de extrema importância que estas falcatruas venham à público. As verbas do INPS esbanjadas por Jair Soares no Rio Grande do Sul podem servir para enganar um certo número de trabalhadores. As "respostas" que o general Figueiredo dará entre um e

outro "plim-plim" da Globo, cuidadosamente preparadas por sua assessoria, também podem semear algumas ilusões. Para quem não tem outra fonte de informação, certas mentiras podem, durante certo tempo, passar como verdades.

O esclarecimento sobre os atos do governo, o levantamento sobre a utilização que faz do dinheiro público, o julgamento de sua política, isto terá que ser feito pela campanha política da oposição. A exposição nua e crua de escândalos como este do INPS cumprirão um papel de grande importância na formação da opinião pública. As denúncias deste tipo, por serem rigorosamente verdadeiras, se transformarão em mobilização popular. Um fato concreto, com o local onde ocorreu, com a data, com os personagens nomeados, tem muito mais força do que qualquer mentira forjada pela TV Globo.

O próprio povo encontrará imediatamente em seu próprio local de moradia e de trabalho outros fatos semelhantes que confirmam as denúncias dos candidatos de oposição. Particularmente os candidatos mais ligados à classe operária e aos demais setores populares têm o dever de usar sua campanha para generalizar estes exemplos para ajudar a levar a consciência das massas. E estão na obrigação de discutir com os demais candidatos da oposição para que esta prática se espalhe.

Uma campanha deste tipo contribui para esclarecer melhor ainda quem é o inimigo dos trabalhadores e a necessidade urgente de unir todas as forças de oposição para derrotar o governo e o PDS nas próximas eleições. Mostra que o adversário dos trabalhadores não está de maneira nenhuma na oposição embora no seu interior existam oposicionistas vacilantes. E ainda pode colaborar para que os vacilantes adotem uma posição mais coerente, reforçando a luta pela liberdade.



Presidente da UNE garante: "O alvo do governo é a entidade"

Quem paga a conta da guerra das Malvinas

Tudo recai sobre os trabalhadores. Pág. 2

Grileiro dá 140 tiros num lavrador paraense

E ainda diz que vai matar o filho. Pág. 4

Greve metalúrgica na fábrica dos generais

Peões da Embraer cruzam os braços. Pág. 5

Quebra-quebra na estação de Barueri: o trem atrasou

Operário viu tudo e conta como foi

Fram 5:40 da quarta-feira quando cheguei na estação de Barueri, São Paulo, cheia de gente esperando o trem para dirigir-se ao trabalho. Passou meia hora e nada de trem. Os funcionários da estação, enrolando o pessoal, diziam que logo viria um. Mas aconteceu que a paciência do povo se esgotou. Começaram a apedrejar as bilheterias.

Dali a pouco chegou um camburão do exército, mas logo foi embora. E aí o quebra-quebra foi para valer: quebraram as lâmpadas, as bilheterias, a caixa d'água, o telhado da estação.

Chegou a polícia. O povo gritava "quebra! quebra!" e, para a polícia:

"Aqui não tem bandido, só trabalhador". Atiraram umas pedras nos policiais e eles começaram a disparar tiros. Felizmente ninguém morreu.

Tudo dia os trens trafegam superlotados. Ali o operário é acotovelado, espremido, humilhado, não tem voz nem vez, não sabe a quem reclamar. Estamos abandonados, vítimas de um governo corrupto e da incompetência da Fepasa. Queremos o mínimo de dignidade para continuar nossa dura batalha pela sobrevivência, hoje cada vez mais difícil. Gostaríamos que as autoridades constituídas volvessem seus olhos para os nossos problemas também. (metalúrgico da Mafersa, São Paulo)

"Só o protesto do povo barrará minha expulsão" afirma Javier

A vida deste brasileiro que o governo quer exilar. Pág. 3



Veja como o governo tem culpa pelo encarecimento do pão

Nos últimos 20 meses o preço do pão se multiplicou por sete, o da farinha por 11. A culpa é da política de Delfim, que cortou os subsídios para o trigo. Pág. 3

Casas de forró, a diversão dos nordestinos em S. Paulo

A inflação também chegou nas casas de forró, mas o nordestino sempre arranja um trocado para lembrar a terra natal. Pág. 7

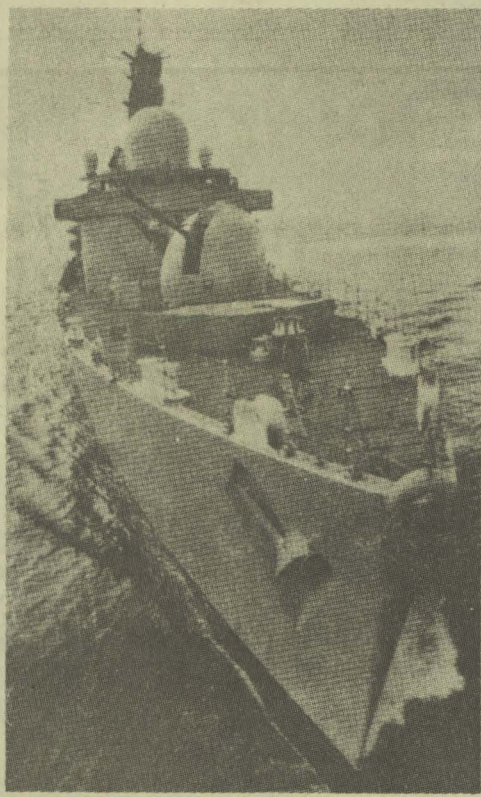
Quem paga a guerra das Malvinas

Algumas correntes tentam apresentar o atual conflito entre a Argentina e a Inglaterra como a guerra de um povo dominado contra o imperialismo. Mas basta dar uma olhada nas medidas econômicas que os dois governos estão tomando para enfrentar as despesas de guerra e logo se vê que não é nada disso.

Os custos do conflito atingem cifras astronômicas. Calcula-se que até agora o governo britânico tenha gasto cerca de 3 bilhões de dólares (ou quase Cr\$ 500 bilhões). Só um torpedo "tigerfish", usado pelos ingleses para atacar o cruzador argentino General Belgrano, custa 500 mil dólares (Cr\$ 85 milhões). Já o foguete francês que a Argentina usou para afundar o destróier Sheffield sai por 200 mil dólares (Cr\$ 35 milhões). E a reposição do destróier vai custar ao governo de Londres 350 milhões de dólares (Cr\$ 56 bilhões). Um submarino nuclear inglês não sai por menos de 4 bilhões de dólares, o equivalente a todos os investimentos da Petrobrás para 1982. Quem acaba pagando esta insanidade belicista?

O TRABALHADOR PAGA

Do lado argentino é o próprio Ministro da Economia, Roberto Alemann quem diz: "O esforço da guerra será pago com recursos transferidos dos assalariados para o governo". Ou seja, é o trabalhador quem paga. E de fato, todas as medidas da chamada "economia de guerra" imposta pelo governo de Buenos Aires recaem exclusivamente sobre os ombros do já penalizado povo argentino. Foi criado um imposto especial sobre o consumidor. Os preços dos combustíveis foram majorados em 30%.



O peso, moeda argentina, foi desvalorizado em 17% para facilitar as exportações, causando grandes aumentos no comércio vagerista interno. Assim, a inflação argentina, que já era a maior do mundo, foi ainda mais estimulada.

PROTEÇÃO ÀS MULTIS

Em contra-partida não foi tomada nenhuma medida que pudesse de alguma forma prejudicar os interesses das grandes empresas multinacionais e do capital financeiro



Soldado argentino mutilado e Sheffield, uma perda de 35 milhões para os ingleses

internacional. O governo argentino continua pagando religiosamente os juros, encargos e serviços da sua dívida externa de 35 bilhões de dólares, totalizando quase 12 bilhões de dólares só este ano. O ministro Alemann acaba de fazer uma "torneio" pela Europa e América do Norte para tranquilizar os banqueiros internacionais quanto a isto.

Em Nova Iorque, depois de garantir que ia pagar tudo direitinho, ele foi homenageado por 135 banqueiros dos EUA, Canadá e Japão com um grande banquete na Câmara do Comércio Argentina-Estados Unidos. E mesmo em relação aos compromissos com os bancos britânicos, o governo continua pagando regularmente, numa conta bloqueada, deixando claro que nunca lhe passou pela cabeça romper a dependência ao imperialismo.

DESEMPREGO INGLÊS

Do lado inglês, a existência de fortes reservas monetárias tem permitido à velha potência imperialista não tomar medidas especiais tão pesadas contra o povo. Mas o conflito agrava a precária situação econômica do país, que já conta com o maior índice de desemprego da Europa — 12%, mais de 3 milhões de desempregados. A libra, em função do conflito, chegou ao seu nível mais baixo desde 1977. E quanto mais débil estiver a libra, mais caras serão as importações e maior será a inflação. Calcula-se que por cada 10% de queda na quotização da libra, os preços ao consumidor aumentam 2,5% na Grã-Bretanha.

Quem paga o pato da aventura guerreira dos governantes da Inglaterra e da Argentina são os povos dos dois países, do ponto de vista econômico e de vidas humanas.

Inimigo dos povos Latino-americanos

No início do conflito nas Malvinas, os imperialistas americanos tentaram explorar a crise em seu benefício. Apresentaram-se como mediadores, mas visavam reforçar suas posições estratégicas na região. A evolução da luta levou-os a colocarem-se ao lado da Inglaterra. Voltaram as costas à chamada solidariedade continental. Apareceram como realmente são: inimigos dos povos latino-americanos. E não só os Estados Unidos. Todos os países imperialistas juntaram-se à empresa agressiva da decadente potência inglesa.

Os povos do continente opõem-se aos generais fascistas argentinos que na guerra das Malvinas procuram salvar-se da ira popular contra o seu regime tirânico. Ao mesmo tempo, repudiam com vigor a expedição armada da Inglaterra imperialista. Exigem a imediata retirada de sua frota e que se ponha fim ao banditismo de suas ações agressivas contra Argentina. O governo inglês — que também pratica o fascismo, na Irlanda do Norte — não tem moral para criticar os generais argentinos.

Os povos americanos precisam unir-se contra os regimes militares e ditatoriais e contra os imperialistas dos Estados Unidos e de outros países, que preparam nova guerra e por isto estão juntos no combate à emancipação nacional e social.

A lei da força bruta impera na Guatemala

Na semana passada, um grupo de camponeses ocupou a embaixada do Brasil na Guatemala durante 48 horas para denunciar o genocídio que é praticado pelo governo fascista do general Efraim Rios Montt. Mais de 3.500 camponeses foram assassinados neste país nos últimos 40 dias. E apenas dois dias depois da ocupação da embaixada já foram encontrados os corpos de mais 32 vítimas, no oeste da Guatemala.

DOMINAÇÃO VIOLENTA

A Guatemala é o maior país da América Central. Toda a sua história foi marcada pela dominação violenta do imperialismo, apoiada pela oligarquia local. Uma curta e efêmera tentativa de mudar esta situação foi feita pelo governo de Jacob Arbenz, no início da década de 50, que distribuiu entre os camponeses indígenas as terras da empresa americana United Fruit. A tímida reforma agrária mal tinha iniciado quando foi derrubado por um sangrento golpe militar organizado e financiado pela CIA.

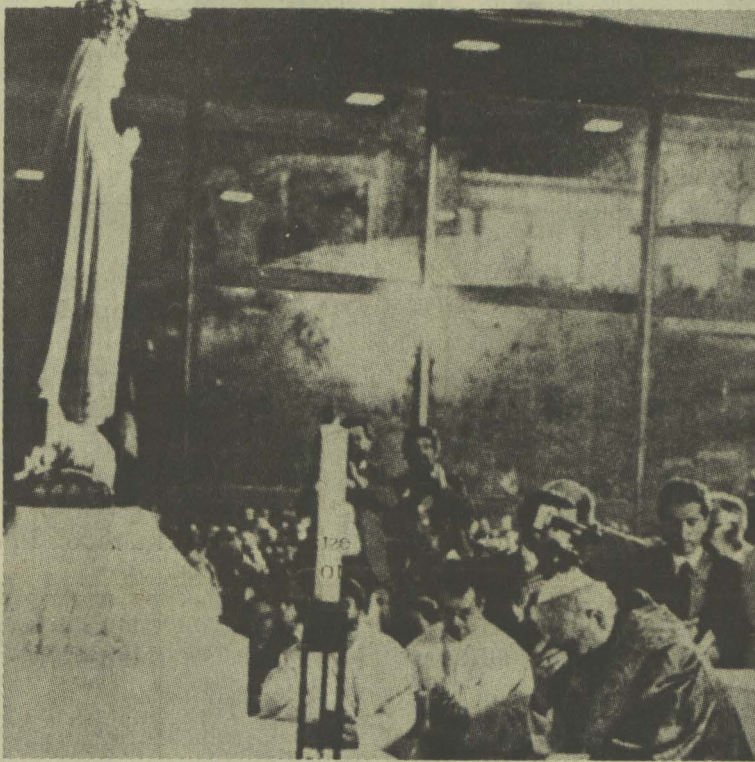
A situação do povo guatemalteco é calamitosa. Cerca de 80% da população é analfabeta e 72% da população economicamente ativa está desempregada ou sub-empregada. E

apenas 3% das famílias concentram 72% das terras do país em suas mãos.

LUTA DE GUERRILHAS

Mas o povo da Guatemala tem uma rica tradição de luta. Em 1962 surgiram as primeiras lutas guerrilheiras na zona leste do país. Derrotado inicialmente, o movimento ganhou novo alento no final dos anos 70. Em fevereiro deste ano as quatro organizações guerrilheiras se unificaram na Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca. Hoje, a guerrilha tem cerca de 4 mil combatentes e conta com um grande apoio popular, principalmente entre os camponeses indígenas, que compõem mais da metade dos 7 milhões de habitantes do país. O próprio governo admite que tem apenas "um controle relativo" dos movimentos guerrilheiros. E diz que as províncias de Huehuetenango e Quiché, no noroeste do país são áreas vermelhas.

Os militares respondem a crescente força dos guerrilheiros com a violência indiscriminada. Os esquadrões da morte mataram 11 mil pessoas no ano passado. E o saldo de 3.500 mortos nos últimos 40 dias diz muito bem sobre o caráter do governo do general Rios Montt. (Luiz Fernandes)



O papa diante da imagem da Virgem de Fátima

Direita portuguesa usa visita papal a Fátima

Portugal parou, ao menos por uns dias, para assistir ao super-espetáculo da visita de João Paulo II, que o Brasil já conhece de 1980. A viagem, para assistir à peregrinação de Fátima foi intensamente aproveitada pelo governo, para dar fôlego à política de coalisão direitaista que o sustenta. Foi usada até pelo PC oportunista de Álvaro Cunhal, que também teve uma conversa com o papa. No leque político português, apenas a UDP (União Democrática-Popular) assumiu uma posição de crítica a esta utilização, o que teve boa repercussão no meio operário, ainda fiel à linha das jornadas revolucionárias de 1974-75.

O sentido político da visita papal ficou ainda mais realçado porque, ainda na véspera, Portugal parara por um motivo bem diferente. Uma greve geral de mais ou menos um milhão de trabalhadores paralisara os estaleiros, as indústrias e, uma novidade, boa parte dos setores de serviços. A greve, em protesto contra a morte de dois operários pela polícia, registrou uma melhor organização dos piquetes e maior ação revolu-

cionária. Outros dois trabalhadores morreram. Mas ficou o sinal de que começa a subir novamente a temperatura do conflito de classe no país.

FÁTIMA E OS SOVIETES

Não é a primeira vez que questões políticas se confundem com a peregrinação de Fátima. A festa foi instituída no tempo em que Oliveira Salazar governava Portugal, com mão de ferro. Desde então, os setores conservadores nunca deixaram de explorar o sentimento religioso do povo para fazer intensa pregação anticomunista nesta data. O motivo seria uma profecia da Virgem de Fátima a três pastores, em 1917, voltada contra a revolução socialista na Rússia. Dos três pastores, porém, dois morreram pouco depois do evento, em circunstâncias trágicas. E a única testemunha sobrevivente, Lúcia de Jesus, foi trancafiada desde então num convento, sem qualquer contato com o mundo exterior nem com a imprensa. João Paulo II foi um dos poucos mortais a ter o privilégio de conversar livremente com ela.

Falência da Braniff acelera a crise nos EUA

Na última semana, a imprensa americana anunciou que o desemprego nos Estados Unidos atingiu a taxa de 9,4%, a maior desde a II Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, noticiou que a Braniff, oitava companhia aérea do país e uma das maiores do mundo pediu falência. Não suportou uma dívida de quase um bilhão de dólares. Ao fechar, despediu 10 mil pessoas.

Em 1941, em plena guerra, o desemprego era de 9,7% e atingia 5 milhões de trabalhadores. Mas hoje a população do país é muito maior e a taxa de 9,4% significa um número de 10,3 milhões de desempregados. Acrescente-se que mais de 1,5 milhão de pessoas desistiram de procurar emprego e não aparecem nas estatísticas.

Nos doze meses terminados em fevereiro, a produção industrial norte-americana caiu 6,5%. O déficit do orçamento público — diferença entre o que o governo recebe, por impostos, taxas, etc. e o que ele gasta — deve atingir 180 bilhões de dólares no próximo ano. O governo cada vez mais recorre aos empréstimos para saldar seus compromissos; está

afundando em dívidas. Somente para pagar os juros da dívida pública serão gastos 13% do orçamento. Além disto, em 1981, mais uma vez as exportações americanas foram menores que as importações em 30 bilhões de dólares.

A LEI DO MAIS FORTE

A política recessiva e militarista de Reagan está acelerando a crise. Aumenta o endividamento, concede privilégios crescentes para os grandes monopólios e corta em 12 bilhões de dólares o orçamento social, diminuindo os benefícios da previdência. O número de pobres, segundo dados do próprio governo já chega a 30 milhões de pessoas. Enquanto isso, Reagan planeja gastar 1,6 trilhão de dólares nos próximos 6 anos. E as verbas para as forças armadas irão consumir este ano quase um terço do orçamento, a maior da história dos Estados Unidos.

Com a crise, os grandes grupos abocanham as empresas menores e aproveitam para arrochar os salários dos trabalhadores. As falências e as fusões de empresas acentuam a concentração do capital. Em 1974, por exemplo, foram a falência dois poderosos grupos financeiros, o Franklin National Bank de San Diego e o U.S. National Bank. E o caso da Braniff mostra que esta onda tende a crescer. A maior empresa química dos EUA, a Du Pont

comprou a nona empresa petrolífera, a Conoco pela quantia astronômica de 7,2 bilhões de dólares. Foi a compra do século.

CONCORRÊNCIA PERIGOSA

A concorrência internacional agrava ainda mais a situação dos EUA. Um bom exemplo é a indústria automobilística: está em crise e sua baixíssima produtividade não suporta a concorrência do Japão e da Europa. A General Motors, americana, emprega 517 mil trabalhadores e fabrica 4 milhões de veículos — 8 carros por trabalhador. Já na Renault, francesa, a produtividade é de 17 carros por trabalhador. E a Toyota, japonesa, produz 40 automóveis por trabalhador. A produção interna de automóveis nos Estados Unidos, sem contar as fábricas de capital americano espalhadas no mundo, foi superada pela produção japonesa, que atingiu 11 milhões de veículos em 1981.

Esta tendência se repete na indústria siderúrgica, de eletrodomésticos, de navios e outras. A crise aguçou a concorrência e destrói um sem número de empresas. As mais fortes engolem as mais fracas. As custas de imensos prejuízos por cima, das ruínas dos que quebram, os grandes monopólios temporariamente ficam mais fortes. Mas o sistema capitalista tomado em conjunto fica muito mais débil e vulnerável.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.
Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Orla Rangel
Sociedade:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça da Saudade, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro - São Luís - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio de Janeiro: Rua 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Macaio - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camacari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constante Valadares - 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-6689. Distrito Fe-

deral: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel. 321-5095 e 321-9035 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarál Peixoto, 370 - sala 907 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubacuba, 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - CEP 13100. Paraná: Av. Winston Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - sala 7 e 8 - Londrina - CEP 81100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 202 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaur, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjues - Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone 531-8900 - São Paulo

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00
Comum ☐ Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00

☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00
☐ semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome:

Endereço:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Estado:

Fone:

Data:

Profissão:

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Numa manifestação no bairro da Penha os moradores expressam seu anseio quanto à sucessão governamental

Os prós e contras do programa de Montoro

Começou a ser discutida, nos meios oposicionistas, uma *Versão Preliminar de Proposta de Governo*, do senador Franco Montoro, para São Paulo. Os trabalhadores têm muitas contribuições para este programa.

O eleitor paulista, e em todo o país, quer votar na oposição. E converge para o PMDB — mas desde que seja oposição para valer. Em Goiás, por exemplo, o PMDB vai de vento em popa porque está assumindo a plataforma popular. Mas escorrega no Rio, porque ainda não marcou com firmeza a fronteira entre oposição e situação. Em São Paulo, os setores populares apoiarão a candidatura de Montoro; mas darão contribuições para que seu programa e sua campanha tenham um maior vigor oposicionista.

O POVO QUER MAIS

O projeto de programa de Montoro insiste em “descentralização”, participação e emprego” como eixos básicos de um governo democrático. E compromete-se com a luta pela Constituinte. Não há como divergir desta proposta, mas ela ainda é pouco clara. O povo quer uma Constituinte para mudar, para livrar-se do regime de arbítrio que impera no país. E por isto mesmo quer uma definição mais firme do senador, que acaba de vez com aquela idéia levantada em fevereiro, de um governo oposicionista em São Paulo, mas de entendimento com o governo militar em Brasília. Só assim São Paulo poderá de fato cumprir o papel de “alavanca política e

social” de mudanças em todo o país, como propõe Montoro.

O documento apresentado, por ser genérico, fica muito aquém dos anseios do povo trabalhador que vive no Estado. Nos últimos anos, as grandes greves, os movimentos de periferia, as lutas contra a carestia, por creches, as mobilizações estudantis e outras colocaram São Paulo como a locomotiva que puxou em todo o país um vigoroso movimento popular. Este movimento formulou propostas muito concretas e objetivas. O eleitor paulista tem o direito de exigir que seu candidato a governador assuma estas propostas em seu programa de governo.

São Paulo não quer mais operações de guerra da Polícia Militar como durante a greve do ABC em 1980. A PM está subordinada ao governo do Estado, e é razoável que o candidato do PMDB se comprometa a não reprimir as justas manifestações populares.

O reajuste semestral dos salários é reivindicação unânime dos funcionários estaduais. Um programa de governo democrático não pode deixar de incorporar esta medida, que está ao alcance do governador.

A solução dos conflitos de terra, como no Vale da Ribeira e no Pontal de Paranapanema, transferindo a terra para quem nela trabalha, está também dentro dos limites de ação de um governo sintonizado com o povo. Assim como a autonomia universitária, exigida por alunos e professores, para que nunca mais ocorram violências como a intervenção na Unicamp.

Por dar muita atenção a deta-

lhes, a candidatura do senador perde o rumo no combate vivo e enérgico que precisa ser feito contra o governo atual, dirigido por Maluf e seus apadrinhados. A corrupção, as arbitrariedades, as injustiças, precisam ser amplamente denunciadas para esclarecer o povo sobre o seu inimigo e como combatê-lo. Só uma campanha aguerrida, levantando bem alto as bandeiras democráticas e as reivindicações mais sentidas dos trabalhadores, pode derrotar o jogo sujo do ambicioso Salim Maluf. Só assim é possível enfrentar a compra de votos com o dinheiro público e a coação amplamente empregada pelo PDS.

A mesma timidez abre o flanco também para ataques como o desfecho do dia 16 por Luís Inácio da Silva. Argumentando com a “fragilidade do senador” o presidente do PT conclui que “o PMDB é que será o grande adversário político”. Para Lula “a briga se dará entre o PT e o PMDB”.

A pretexto de que o PMDB é uma oposição débil, Lula livra a cara do regime militar e do PDS e trata de atacar a oposição, em vez de contribuir para que ela se torne forte. Isto é divisionismo mesmo, e do pior! Como disse Montoro, “o inimigo é o regime e o adversário é o PDS”.

Para isolar e derrotar o regime nas urnas, os operários conscientes apoiarão Montoro. E participarão da discussão de seu programa para incluir as reivindicações populares mais sentidas do povo e a luta pela liberdade como questões de primeira importância. E querem um espaço para participar no planejamento e no trabalho de sua campanha.

(Bernardo Joffily)

Corrupção na Previdência aprofunda a crise do PDS

De repente, o país viu uma peleja aberta entre dois homens de confiança do general Figueiredo: Hélio Beltrão, que substituiu Jair Soares no Ministério da Previdência, suspendeu 2.600 credenciamentos que o ex-ministro havia autorizado. Mais uma vez agita-se o mar de lama que envolve o regime militar.

O fato preocupou o próprio general Figueiredo, não pela corrupção em que seu governo está envolvido, mas por prejudicar o PDS, já que Soares é o seu candidato ao governo do Rio Grande do Sul. Os credenciamentos de Soares envolvem muito dinheiro. Recentemente foi denunciado que apenas 174 autorizações suas para convênios, credenciamentos, financiamentos e empréstimos envolveram Cr\$ 50 milhões! Isso no momento em que todo o país está incomodado com o “Pacote da Previdência”, imposto por Figueiredo e Soares, para cobrir o rombo do ministério...

CORRUPÇÃO CONTINUARÁ

Hélio Beltrão já deixou claro que não pretende apurar a corrupção, e que inclusive o ministério continuará a serviço do PDS. Beltrão somente sustou os últimos atos de Soares para examiná-los, e declarou: “Não há nenhuma acusação de irregularidade ao ministro Jair Soares, pois seria incapaz. Nenhum dos credenciamentos em vigor, nenhum deles, foi modificado ou revogado”.

O chefe de gabinete de Beltrão, Marcos Lobo, foi mais longe: “O Ministério terá uma atuação basicamente política e utilizará critérios para a escolha de dirigentes das autarquias do sistema previdenciário nos Estados e municípios que atendam aos interesses de políticos locais filiados ao PDS.” Como se vê, o trabalhador, que paga a Previdência, continuará tendo seu dinheiro utilizado na corrupção eleitoral do governo. Como alertou um deputado do PMDB, “a Previdência não teria crise nenhuma se não tivesse se transformado num balcão de cabos eleitorais do PDS”.

Agora o PMDB pretende instalar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as irregularidades da Previdência. Mas encontra um grande obstáculo: os políticos do PDS, que estão afundados até o pescoço no mar de lama que envolve o setor.



A Previdência afunda na crise, e um goiano morre na porta do Inamps

Militares brigam pela sucessão

Além da corrupção que envolve o governo militar, o conflito público entre Hélio Beltrão e Jair Soares mostra também como a disputa pelo poder, dentro das próprias hostes do governo, está acirrada. Jair Soares teria confessado que recebeu do Planalto a missão de “ganhar as eleições de qualquer maneira”. Candidato ao governo gaúcho, ele utilizou o Ministério da Previdência para garantir a sua candidatura pelo PDS. Existe a denúncia de que 80% dos credenciamentos autorizados por ele eram destinados ao Rio Grande do Sul.

A desmoralização de Soares acontece no momento em que Emilio Ibrahim, candidato do PDS ao governo carioca, se vê rejeitado pelos próprios correligio-

nários, e a candidatura de Eliseu Resende encontra também fortes resistências no PDS mineiro. Ora, esses três candidatos estariam ligados ao coronel Mário Andraza, que pretende substituir Figueiredo no comando do regime militar em 84. E, comenta-se, por trás das articulações contra esse esquema estaria outro candidato à vaga de Figueiredo, o chefe do SNI, general Otávio Medeiros.

À oposição popular cabe desmascarar essas articulações, denunciar a corrupção e o caráter reacionário do atual regime. Cabe-lhe, mais que tudo, conscientizar e organizar o povo para substituir o regime corrompido dos militares por um novo, de liberdade e democracia.



Soares e Beltrão: disputas internas pela sucessão de Figueiredo

Nos últimos 10 meses o preço do pão subiu 200%!

Mais um aperto na barriga vazia de nosso povo. O pãozinho pulou de 6 para 9 cruzeiros, no dia 15. Nos últimos vinte meses o preço do pão cresceu 7 vezes. O governo vem retirando a ajuda para a compra do trigo desde agosto de 1980. E a partir de agosto de 1981 os preços do pão foram liberados.

A ajuda para a compra de trigo — o chamado subsídio — foi implantada há 35 anos. O Banco do Brasil comprava o trigo no mercado externo ou de produtores nacionais e o vendia para os moinhos por um preço muito menor. Mais de 80% eram pagos pelo governo e o restante pelos moinhos. Isso segurava um pouco o preço do pão, macarrão e farinha.

Agora, a nova política representa mais um arrocho, pois aperta violentamente o orçamento familiar. Quem ganha um salário mínimo, hoje precisa trabalhar 13,5 horas por mês para comprar uma bengala de pão todo dia. Há dois anos atrás precisava de 7,5 horas. Com o subsídio ao trigo, as famílias mais pobres que quase não comiam mais carne passaram a comer macarrão para compensar. Em algumas cidades o consumo de macarrão subiu 50% nos últimos anos. E agora? A farinha de trigo teve seu preço aumentado 11 vezes com a retirada do subsídio! Resultado: uma queda de 800 mil toneladas no consumo de 1981. Nem mais pão nem macarrão para compensar a dieta.

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS

A política de retirada de subsídios populares tem encontrado a mais viva revolta da população. Quando



o governo retirou os subsídios ao óleo diesel, as passagens de ônibus chegaram a subir 150% em menos de um ano. Em várias cidades houve quebra-quebra de ônibus, para que o aumento não fosse tão grande.

O governo diz que está retirando os subsídios para o trigo, o óleo e para o crédito rural, porque eles causam inflação, e representam despesas muito grandes para o Tesouro Nacional. Mas a verdade é outra. O que está sendo retirado são os subsídios que interessam ao povo. Por outro lado aumentam brutalmente os subsídios para os exportadores e grandes grupos multinacionais.

O orçamento do Estado não é um caso sem fundo. Se o governo favorece um setor, tem que tirar dos outros. Os exportadores estão recebendo uma ajuda do governo,

calculada na base de 1 trilhão de cruzeiros. E os subsídios ao trigo, se continuassem como antes, iriam custar pouco mais do que 100 bilhões de cruzeiros.

DEPENDÊNCIA TOTAL

Outra desculpa dada pelos tecnocratas foi o mau uso do dinheiro do subsídio. Os produtores e intermediários — segundo o governo — passaram a desviar o dinheiro para outros fins, chegando a usar farinha de trigo até para alimentar porcos. Acontece que isso não é consequência do subsídio, é um caso de polícia. O que não dá para esconder é que os militares, nos seus 18 anos de poder, não conseguiram dar uma solução para a cultura do trigo no Brasil. O subsídio deveria ser empregado na melhoria da cultura do cereal e para impedir o aumento das importações.

O trigo brasileiro vai muito mal. Nos últimos três anos a safra tem caído. De 1980 para 1981, a queda foi enorme, quase 20%. Por isto o total de 6 milhões de toneladas consumidas em 1981, mais de 4 milhões foram importadas e nos custaram 832 milhões de dólares.

O Brasil tem todas as condições para ser autossuficiente. A tecnologia moderna, através da escolha de sementes e principalmente da irrigação, pode transformar o Brasil num grande produtor. Mas esse não é o interesse das grandes potências. O trigo, pelas suas características naturais, exige grandes recursos, que existem mas vão parar nas mãos dos grandes grupos — inclusive sob a forma de... subsídios.

O fato é que numa tacada, o pão sobe 50%, sendo arrancado da mesa do pobre e disparando a carestia.

(Luiz Gonzaga)



A presença destacada do Bloco Popular no lançamento de Iris Resende

Comício de 15 mil para lançar candidato da oposição em Goiás

Num gigantesco comício que reuniu mais de 15 mil populares, foi inaugurado no dia 12 de maio o Comitê de Campanha de Iris Resende e Onofre Quinan, candidatos da Oposição à governança e vice de Goiás. Mais de uma centena de cidades do interior e de quase todos os bairros e vilas de Goiânia enviaram caravanas ao ato, que contou com a presença de Ulisses Guimarães e do senador Humberto Lucena.

Em sua fala, Iris Resende foi duro nas críticas ao governo federal e estadual. Apoiou a greve dos professores e denunciou “a demagogia do governador Ary Valadão, que diz na televisão que em Goiás só não estuda quem não quer. Mas ele nem sequer paga os professores”. Assumiu também o compromisso de honra com o povo de moralizar a administração públi-

ca, de varrer a corrupção que infesta toda a estrutura do Estado.

BLOCO POPULAR

O Bloco Popular do PMDB, que cumpriu importante papel na organização do ato, esteve presente com grande número de faixas e material de propaganda dos candidatos populares. Através de Aldo Arantes, candidato a deputado federal, o Bloco Popular deu seu recado à imensa multidão: “O PMDB é o único partido que reúne condições para derrotar o PDS nestas eleições e fazer avançar a luta do povo. E a organização dos setores populares dentro do PMDB, no Bloco Popular, é a garantia de poder influenciar a política do partido em favor dos trabalhadores”.

MENTIRAS DE VALADÃO

Já o governador do PDS, Ary

Valadão, através da propaganda na TV, continua a fazer demagogia, num esforço para mostrar que seu governo faz alguma coisa. Uma das mentiras apregoadas agora é sobre o Projeto agro-industrial Alto Paraíba no nordeste goiano. Segundo Henrique Santillo, senador do PMDB, este projeto nasceu falido. A produção de 1.700 hectares de soja não cobrirá nem os recursos aplicados na compra das sementes.

E o pior: o Projeto desgraçou muitos pequenos e médios proprietários da região. A indenização paga pelo governo pela desapropriação está abaixo do valor da terra. O biônico Valadão aplicou mais de 20 bilhões de dólares no Projeto, com dinheiro emprestado do exterior. E agora se recusa a pagar o preço justo pelos 23.380 hectares desapropriados. (da sucursal).

Posseiro é chacinado com 140 balas no sul do Pará

Quando a Polícia Militar entregou a dona Albina Bringel o corpo do marido, ele estava perfurado por mais de 140 tiros, de revólver calibre 38, cartucheiros 36, 20 e 12, com o pescoço quebrado e os olhos furados a faca. O fazendeiro Walter Valente, autor do crime, anda pelas ruas de Rio Maria, em Conceição do Araguaia, livre e armado de 38. Diz que só espera a viúva se controlar para matar-lhe o filho. O povo de Rio Maria clama por justiça.

Belchior Martins da Costa, a vítima, era casado e tinha três filhos. Em abril de 1981 descobriu junto com outros oito trabalhadores sem terra uma cunha de chão, entre a Fazenda Recanto da Pedra, de Walter Vicente, e o Lote da Taveira, habitado há anos por posseiros.

Meses depois, quando já haviam plantado suas roças, Valente procurou-os e disse que terra lhe pertencia, que os camponeses eram invasores e teriam que sair de lá, por bem

ou por mal, sem indenização. Os lavradores procuraram o GETAT e o coordenador daquele órgão do governo em Conceição do Araguaia disse-lhes que voltassem para a terra, que até 20 de dezembro tudo estaria resolvido.

A TRAIÇÃO DO GETAT

Mas, no dia 4 de dezembro, dois funcionários do próprio GETAT chegaram na área, junto com nove soldados da Polícia Militar, oito pistolei-

ros, Walter Valente e seu filho Luis Henrique — no total 21 homens. Todos fortemente armados. E em três horas derubaram e queimaram dez barracos, jogaram os pertences dos lavradores no mato e os expulsaram. Tudo sem sequer uma ordem judicial.

Os lavradores, desesperados, voltaram ao GETAT. E o mesmo coordenador do órgão, sr. Zozilton Almeida, no dia 5 de janeiro garantiu que fora tudo um mal-entendido. Que sua palavra continuava de pé e podiam todos voltar para a terra — que ele próprio garantia a volta.

POLÍTICA DE 2 CARAS

Ainda que garantidos pelo coordenador, os lavradores não voltaram imediatamente. Walter Valente afirmava publicamente que mataria quem entrasse na terra. Mas chegou a época da colheita e as famílias, em Rio Maria, passavam necessidade. Os posseiros procuraram novamente o GETAT e falaram com o sr. Zozilton, sub-coordenador para a região de Xinguara e Rio Maria, irmão dos coordenadores Zozilton. E tiveram novas garantias. Podiam voltar e colher seu arroz, milho e banana. O GETAT garantia sua vida.

Segundo o próprio dr. Zozilton, em 25 de fevereiro ele mandou chamar Walter Valente, avisando-o que os lavradores iriam entrar na terra para fazer a colheita. Mas que ele não precisava se preocupar, que todos os posseiros iriam ser transferidos para outra área, na região dos Vilela. E que Walter Valente não deveria se aproximar das roças dos agricultores, uma vez que a questão já estava resolvida.

CARNIFICINA NA ROÇA

Dia 2 de março, os posseiros estavam colhendo arroz, em mutirão, na posse de Pedro Gonçalves de Oliveira. Entreditos, suados pelo duro trabalho de cortar e empilhar o cereal, nem perceberam a aproximação de Walter Valente, acompanhado por vários pistoleiros.

O fazendeiro foi logo perguntando:

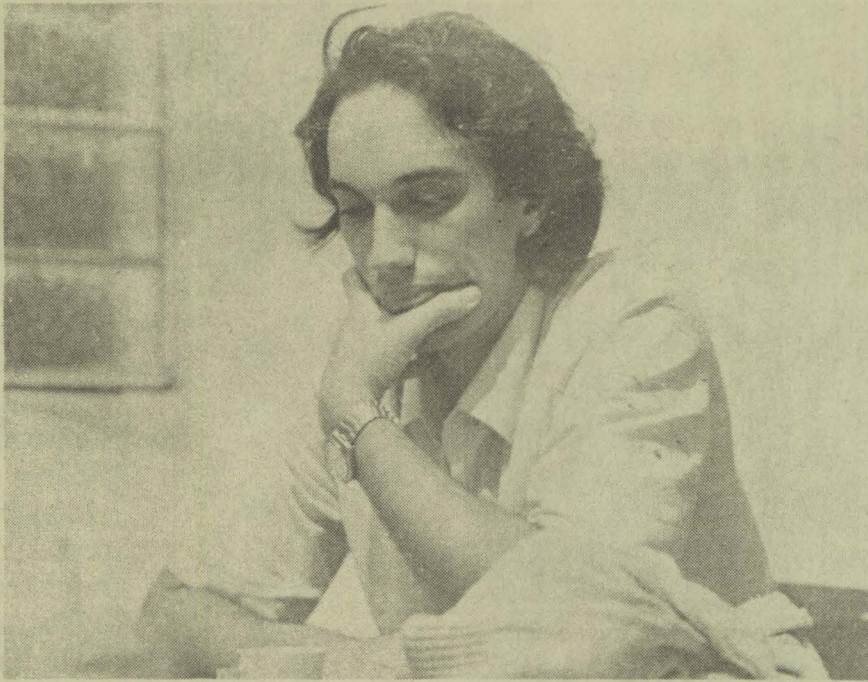
— Quem fez esse rancho? (Um pequeno tapiri que todo lavrador ergue, quando colhe o arroz, para protegê-lo da chuva).

Belchior, um lavrador, disse que tinha sido ele. O fazendeiro perguntou para que foi feito o barraco, e foi a única conversa. Belchior ainda não tinha acabado de responder quando levou um balaço na testa, o primeiro dos 140, disparados pelo Walter. Apavorados, os outros lavradores correram para o mato, sendo que o posseiro Luiz Bernardino ainda foi atingido por um tiro.

Os lavradores denunciaram o crime ao delegado da área, sargento Miranda. Mas em vez de prender o criminoso, o policial proibiu ao filho de Belchior que fosse buscar o corpo do pai. E 15 dias depois, os lavradores ainda foram chamados ao GETAT, onde receberam ameaças de agentes da Polícia Federal. "Inclusive disseram para a gente não mexer com o dr. Paulo Fonteles, senão eles, da Federal, iam voltar e aí é que a coisa ia esquentar", contou um posseiro.

Os posseiros denunciaram também que os agentes da PF vão até comer churrasco na fazenda do Walter Valente. No dia 28 de março, o criminoso ainda apresentou-se na delegacia de Rio Maria, com um advogado de notórias ligações com a PF, e disse que Belchior havia avançado contra ele "armado de um cutelo de cortar arroz", e por isso atirou "em legítima defesa".

O delegado de Rio Maria, o sargento Miranda, não ouviu as testemunhas oculares, nem fez qualquer investigação a respeito. E ainda colocou em seu relatório que as testemunhas intimadas negaram-se a comparecer!



L. Carlos Leite

Presidente da UNE é taxativo: "só a mobilização impedirá a expulsão"

Os generais pretendem expulsar de sua pátria o presidente da UNE

Bastante cansado, mas sempre animado, Francisco Javier Alfaya conversou com a *Tribuna*. Ele, que é presidente da respeitada UNE (União Nacional dos Estudantes), está sendo ameaçado pelo governo de expulsão do país, sob alegação de que é estrangeiro. Javier refuta a acusação, conta sua vida e desabafa: "Sou mais brasileiro do que muitos que estão no governo, entregando o país".

A possibilidade de prisão de Javier paira no ar, o que torna a entrevista um pouco tensa, cheia de interrupções. Segundo informações, em frente à sua residência, em São Paulo, desde o dia 16 há um camburão da polícia. E dois policiais já bateram na porta de sua casa procurando-o.

Ele não se encontra mais em casa, por medida de segurança.

A investida contra o presidente da UNE intensificou-se este mês. No dia 3, o Ministro da Justiça, Abi Ackel, vetou seu pedido de naturalização, que tramitava na justiça desde junho de 1979. E uma semana depois determinou inquérito expulatório, dando prazo de 30 dias para sua conclusão. O inquérito será enviado ao general Figueiredo, "e ele, somente ele, poderá decretar a minha expulsão do país", comenta Javier. Tudo com base na fascista Lei dos Estrangeiros, que proíbe aos estrangeiros — Javier nasceu na Espanha — participar da vida política nacional.

DO BASQUETE

A LUTA ESTUDANTIL

Aos seis anos de idade, em 1963, Francisco Javier chegou ao Brasil, acompanhado de sua mãe e irmã. "Meu pai tinha vindo para cá um ano antes. Como milhares de imigrantes pobres, veio para o Brasil tentar ganhar a vida. Quando conseguiu alguma base, mandou-nos chamar".

A partir daí começa a vida do brasileiro Javier, que se fixa na Bahia, cursa o Colégio Marista e integra a Seleção Baiana de Basquete. A consciência das injustiças existentes no país começa a florescer ainda no colégio. "Calou fundo em toda nossa turma do colégio a notícia das perseguições aos homens de oposição no país, das prisões e torturas". Mas é na faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia que sua revolta vai ser canalizada. Com outros colegas Javier funda o grupo de teatro "Sonhos e Concretos S/A", que faz grande sucesso. "Nós conseguimos que todos os colegas participassem na elaboração das nossas três peças, o que ajudou a despertar o pessoal para a realidade do país".

Como pessoa dedicada, Javier se destaca no movimento estudantil e começa a ser escolhido pelos companheiros para direção das entidades. Em 1977 é eleito presidente do Diretório Acadêmico da Arquitetura; em 1978 vai para secretaria geral do DCE da Universidade e depois para a presidência. Em 1980, Javier é eleito para secretaria de cultura da União Nacional dos Estudantes e no ano seguinte, pela chapa *Viração*, é escolhido presidente da entidade máxima dos estudantes.

Neste momento a entrevista é interrompida mais uma vez. Ao telefone o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, de Brasília, que se compromete a lutar decididamente contra a expulsão do presidente da UNE. Outras entidades democráti-

Defender Javier é tarefa fundamental

O governo militar, sempre submisso ao imperialismo, planeja expulsar do país o brasileiro, democrata e patriota, Javier Alfaya, presidente da UNE. É um crime contra os estudantes, contra a luta democrática e contra o direito de organização de todo o povo brasileiro.

Em cada cidade, em cada escola, em cada bairro e em cada empresa é urgente que se levante uma voz de protesto. Nenhuma entidade e nenhuma personalidade ou organização democrática pode deixar de se manifestar exigindo o reconhecimento da nacionalidade brasileira para Javier. Independente do partido político, da crença religiosa e da categoria social, todos os patriotas devem formar uma ampla unidade em defesa do direito deste brasileiro ficar ao lado de seu povo e defender a liberdade. Particularmente importantes são as manifestações públicas de massas. Mas, os abaixo assinados, os telegramas ao ministério da justiça, as moções de solidariedade à UNE também são de grande utilidade. O fundamental é que não se despreze nenhuma forma de expressar a opinião pública contra este crime. E que seja urgente. O governo pretende liquidar o caso em 30 dias. É uma tarefa da mais alta importância isolar o governo, mobilizar amplas forças e manter Javier no Brasil!



L. Carlos Leite

Javier fala com Ulysses Guimarães

cas, como a Ordem dos Advogados do Brasil, a Comissão de Justiça e Paz e outras já se comprometeram a cerrar fileiras pela naturalização de Javier. O movimento estudantil articula uma greve geral contra a expulsão.

"A investida do governo não é contra a minha pessoa, mas sim contra o movimento popular, operário e democrático do país. No centro do ataque dos generais está a UNE, e sua tradição de luta por um Brasil melhor", explica Javier. Sobre sua expulsão do país ele afirma: "Eles não estão expulsando um estrangeiro do país, mas sim deportando um brasileiro, nos velhos moldes do exílio político". E contrariado, desabafa: "Meu país é o Brasil, na Espanha ou em qualquer outro país eu não vou me sentir bem, estarei fora da minha pátria. Fora do país ao qual eu tanto me dediquei, para transformá-lo para melhor".

Seu pai, Fernando Alfaya Bula, declarou à nossa Sucursal de Salvador, emocionado: "Javier não é espanhol pelo fato de ter nascido na Espanha. Ele ama o Brasil e o seu povo. Tudo isto me deixa de certa forma orgulhoso, pois meu filho não é bandido, nem vive sugando o povo brasileiro. Querem expulsá-lo por ele defender os interesses do povo humilde". (Altamiro Borges)

Os professores de Goiás dão vitória a "Pés na Terra"

A chapa "Pés na Terra" venceu as eleições para a Associação dos Professores da Universidade Católica de Goiás — APUC —, com 166 votos, num total de 317 votantes. A campanha da chapa, que tinha como slogan "Com os pés no chão também se revitaliza uma associação", conseguiu ganhar o respaldo da maioria dos professores, principalmente por apresentar propostas coerentes, visando a melhoria do ensino e maior participação dos professores na vida e nas decisões universitárias, além da melhoria das condições de trabalho. Com esta nova direção, tendo como presidente o professor Goiaz do Araguaia Leite, prevê-se um impulsionamento da participação dos professores nas suas entidades e também no movimento popular como um todo. A chapa perdedora, Autonomia e Luta, contava com o apoio do PT. O próprio candidato a governador pelo PT, Athos Magno, participava da chapa derrotada nas urnas.

(da Sucursal)



L. Carlos Leite

Maria da Cruz não pode comprar leite

Falta leite em pó em São Paulo e mães se revoltam

Desesperadas com a falta de leite para os seus filhos, 15 mães invadiram o Posto de Saúde da Via Arriete, na zona Sul de São Paulo e levaram 240 latas de leite em pó. A própria administradora do Posto reconheceu que a causa de tal atitude foi o desespero: "É uma gente muito pobre. Eles não tem o que comer. Além de muito caro, está faltando leite em pó no mercado".

Na grande São Paulo, já houve uma redução de 40% no fornecimento de leite e com a falta, o preço sobe a níveis proibitivos para a maioria da população. Maria da Cruz, mãe de 9 filhos, diz que "com o desemprego e o baixo salário não está permitindo nem pagar o aluguel, quanto mais o leite". Maria gasta quatro latas de leite por quinzena para tratar do filho de oito meses. Cada lata está custando no mercado 380 cruzeiros.

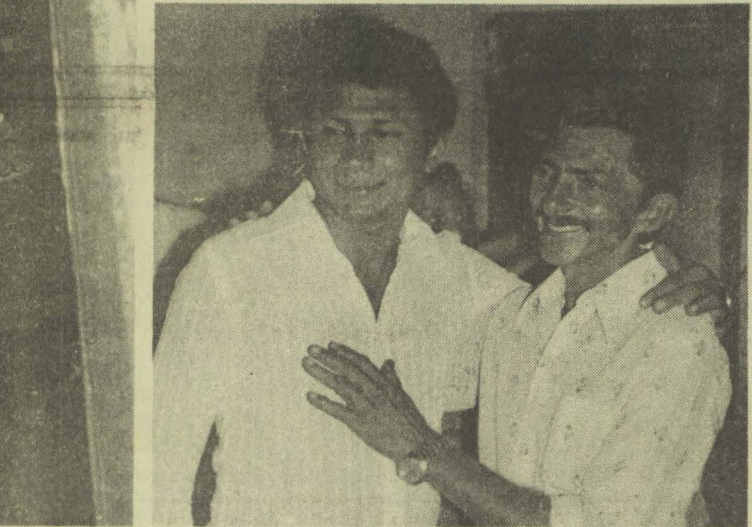
Os Postos de Saúde distribuem apenas quatro latas de leite por mês para cada criança até um ano de idade, mas sempre está faltando. Muitas vezes as mães ficam esperando das quatro horas da manhã até às oito e acabam tendo que ir para casa de mãos vazias. E quanto tem a sorte de receber o leite, as latas ainda vem com a propaganda do Maluf. Josefa, uma moradora do Parque Regina diz que "antes, o rótulo da propaganda era de papel e a gente tirava. Agora vem pintado na própria lata".

Folha de Goiaz quer arrochar os jornalistas

Os patrões da "Folha de Goiaz" — que é financiado pelo esquema eleitoral do PDS — tentam aplicar um golpe nos jornalistas, com o vencimento do contrato coletivo. Pressionam os funcionários para assinarem acordos individuais com rebaixamento de salários. Os que recusam são ameaçados de demissão. Mas o sindicato está se mexendo, numa reunião com os jornalistas, dia 17 de maio, foi decidido o repúdio aos patrões. O diretor sindical Luiz Otávio anunciou que o sindicato irá convocar uma assembleia geral, pois os outros patrões podem tentar fazer a mesma coisa.

A "Folha de Goiaz" que é o diário mais reacionário do Estado, estava à beira da falência há cerca de dois anos, quando recebeu uma grande injeção de recursos do então secretário da Fazenda, Ibsen de Castro, numa jogada eleitoral. Com esse auxílio, o governo corrupto de A. Valadares foi mais se recompor e voltou a defender o que há de mais reacionário na política goiana.

(da Sucursal)



Belchior (na foto menor, com o filho), morto com 140 tiros

Há 2 anos, o latifúndio assassinava o Gringo

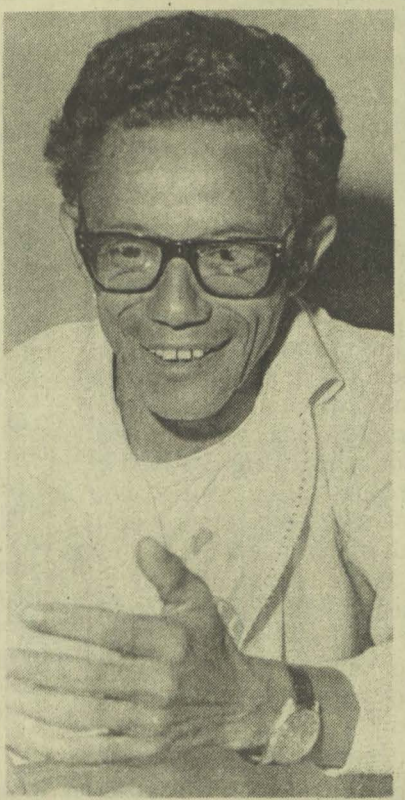
Dois anos atrás, dia 29 de maio de 1980, outro crime de morte do latifúndio agitou o Araguaia. Raimundo Ferreira, o *Gringo*, candidato a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição, foi encontrado de manhãzinha, agonizante. Dois tiros de calibre 32, desfechos pelas costas, atestavam a covardia dos assassinos.

O *Gringo* deixou viúva — a corajosa Dona Maria Oheide — e seis filhos, o maior com 11 anos na época. Deixou, principalmente, seu nome como símbolo de resistência dos homens do campo à grilagem e à injustiça. Dez dias depois, no ato de protesto contra o assassinato, mais de 4 mil pessoas se concentraram na cidade de Conceição.

Conheci o *Gringo* em São Bernardo, numa daquelas assembleias inesquecíveis da grande greve metalúrgica de 1980. Ele estava em São Paulo justamente para estreitar a união entre os trabalhadores da cidade e do campo — a aliança operário - camponesa, chave da vitória da causa popular. Poucos dias após, o *Gringo* visitava nossa Redação e concedia à *Tribuna* uma entrevista — a última de sua vida.

Lembro bem dele, moreno, mãos calejadas, os olhos sorrindo por trás dos óculos. "Os posseiros estão encurralados — dizia — não têm mais saída. Já perderam a fé no governo. Muitas vezes entramos em terra demarcada e aí dizem que estamos "invadindo". Agora eu pergunto: se um cara que quer 20 alqueires para dar de comer à família está invadindo, quem toma 20 mil alqueires o que está fazendo?"

(Bernardo Joffily)



Gringo, deu o sangue pela terra

Marisa Uchiyama

Repressão torna difícil eleição na UPES

Num ambiente convulsionado pela ação da polícia e por diretórias de escola repressivas, concluiu-se a eleição dos secundaristas de São Paulo para a sua entidade estadual UPES e a da capital do Estado UMES. A Chapa "Alicerce", da situação, manteve sua hegemonia nas duas entidades, secundada pela "Viração", na UPES, e pela "Solidariedade", na UMES.

O número de votantes para a UMES foi de 34 mil, inferior aos 40 mil das eleições anteriores. E os secundaristas apontam a repressão como principal responsável pela redução. Na capital, 14 estudantes foram presos apenas por estarem encaminhando o pleito o que deu até em passeata de protesto. Em Araçatuba, a Secretaria de Educação emitiu nota proibindo o pleito. Muitas escolas suspenderam as aulas no dia da eleição. Várias diretorias confiscaram urnas, outras chamaram a polícia.

Por este motivo, e também devido ao estágio atual do movimento secundarista, cresce em São Paulo uma certeza: as eleições diretas não são hoje, a forma mais democrática de consultar as bases de uma entidade como a UPES ou a UMES-SP, que congregam um número enorme de estudantes, espalhados por milhares de colégios. "Um congresso, com delegados eleitos em cima de discussão, é muito mais representativo", comenta Marta Maia, diretora da UBES, que encabeçou a Chapa "Viração".

Em Salvador, o estudante luta por residência

Sessenta representantes de 21 municípios baianos participaram do 1º Encontro Estadual de Residências Estudantis do Interior, em Salvador. O Encontro foi promovido pelo CIVUB (Confederação Interiores de Vestibulandos e Universitários da Bahia), que congrega os Centros Estudantis Municipais do interior e coordena as Residências do interior localizadas em Salvador. Os estudantes mostraram a sua disposição em lutar para que o governo mantenha as residências em condições dignas.

As Residências Estudantis foram uma conquista dos estudantes interioranos que, sem condições financeiras para alugar apartamentos ou pagar pensionato, vem estudar em Salvador. Cada residência pertence a uma município e é mantida pela prefeitura local. Muitos prefeitos querem que os estudantes residentes façam campanha para o PDS. Caso se recusarem, "os prefeitos suspendem o pagamento dos aluguéis e os estudantes são jogados nas ruas", afirma Aliomar Marques, presidente da CIVUB.

Estudantes de Goiás elegem nova direção

A partir de convenções, com a participação de delegados eleitos em cada sala de aula, foram formadas as chapas que concorrerão as eleições dos DCEs (Diretórios Centrais dos Estudantes) da Universidade Federal (UFG) e Católica (UCG) de Goiás. Na UFG a chapa Participação foi escolhida por 150 alunos. Jeziel, candidato à presidência do DCE da UFG, explica que o objetivo da chapa "é dinamizar as entidades estudantis, incrementando as atividades esportivas e culturais, criando alternativas de lazer". Já Cleuber Cardoso, candidato à presidência do DCE da Católica pela chapa Renovação - escolhida por 280 alunos -, critica a diretoria atual da entidade: "Nosso DCE precisa de sangue novo, pois os estudantes já não admitem a falta de direção firme e consequente à luta". Tanto Participação quanto Renovação têm programas combativos de lutas pelo ensino público e gratuito, por liberdades políticas no país, com eleições limpas.

Saúde da mulher em debate sindical

De 24 a 28 de maio ocorrerá em São Paulo a 3ª Semana de Saúde do Trabalhador (Semsat), com o tema: "Trabalho e Saúde da Mulher e do Menor". A semana é promovida pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (Diesat) e mostra a preocupação das entidades sindicais com a situação de superexploração da mulher e dos menores pelas empresas capitalistas. Haverá debates em vários Sindicatos e no dia 28, no Sindicato dos Marceneiros, será feita a Plenária final, que tirará as resoluções de luta das entidades.

Greve na fábrica do governo mau-patrão

Depois de São Bernardo e Sertãozinho, a onda de greves dos metalúrgicos paulistas atingiu São José dos Campos. Cerca de 9.500 operários das duas maiores empresas da região cruzaram os braços, inclusive os seis mil da Embraer — fábrica estatal de aviões —, onde a greve é proibida por ser "área de Segurança Nacional". O governo, como o pior dos patrões, impediu a diretoria da empresa de conceder os 7% de produtividade exigidos pelos metalúrgicos.

Quem faz a denúncia é o vereador do PMDB João Bosco, que participou da comissão que conversou com o coronel Osiris Silva, responsável pela Embraer. "O Coronel nos disse que a firma tem condições de pagar os 7%, que 3% não representam nada para uma firma que tem grande rentabilidade. Mas que o problema é político. Que veio de Brasília ordem expressa para a firma não conceder o aumento".

Bosco, que percorreu a firma em greve, conta que o ânimo dos operários é elevado. Para intimidar os grevistas, a Embraer solicitou ao Tribunal Regional do Trabalho que decretasse a greve ilegal. E numa nota oficial distribuída a



Acima, operários grevistas em São José dos Campos. Ao lado, a assembleia dos 20 mil grevistas de São Bernardo.

todos os operários afirmou que a greve é bagunça e pediu: "Companheiros, a Embraer é sua, não a destrua". No fundo está a preocupação de firma com as máquinas paradas: só nestes primeiros dias de greve, a empresa teve prejuízos de 450 milhões de cruzeiros e perdeu um contrato com a primeira encomenda de aviões Bandeirantes.

"Mas os metalúrgicos não se abatem. Com a nota oficial da Embraer os operários fizeram dezenas de aviões e o pátio ficou inundado de papel. O pessoal está fazendo passeatas e confeccionando cartazes com os dizeres: 'a greve continua'". A polícia tem acompanhado a paralização, com

camburões e dezenas de soldados, tanto na Embraer como na Erickson.

A preocupação dos metalúrgicos agora é como julgamento da greve no TRT. "Se o Tribunal julgar a greve ilegal a diretoria do Sindicato corre o risco de cassação. Mas isto faz parte do exercício de nossa função com dignidade e nós não fugiremos do pau", afirma Ari Russo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que coordena o movimento.

ABC E SERTÃOZINHO

Já em São Bernardo, após cinco dias de greve, os 53 mil metalúrgicos das cinco montadoras decidiram retornar ao trabalho. A decisão foi tomada por 20 mil ope-

rários, na maior assembleia depois da greve de 1980. E eles voltam com uma vitória: arrancaram dos patrões 5,5% de produtividade, 1,5% a mais do que o Tribunal Superior do Trabalho decidiu.

Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Meneguelli, a grande conquista da greve não foi os 5,5%, "que é um mísero aumento", "O importante é que nós rachamos ao meio os patrões". Isto porque a Fiesp — órgão máximo dos patrões — decidiu que não iria negociar com os grevistas. Mas um de seus filiados, a Sinfavea (Sindicato Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) acabou negociando em separado, submetendo-se à pressão dos metalúrgicos.

Só que o acordo, apesar de vitorioso, gera problemas. Meta-de da categoria da região não recebeu o aumento. E a forma como foi conduzida a greve e o acordo em si, dividem a categoria. Na própria Fiesp alguns empresários declaram que o acordo firmado mostra como é necessário dividir a categoria, "separando as grandes indústrias das pequenas firmas", as de fundo de quintal.

Em Sertãozinho, a greve também foi suspensa. Os quatro mil grevistas retornaram as fábricas e agora aguardam as negociações do Sindicato com a Fiesp. Há clima de revolta e o resultado das conversações definirá se os metalúrgicos voltam a greve.

(do correspondente de Taubaté)

Gaúchos contrários ao adiamento da Conclat

A Intersindical do Rio Grande do Sul, entidade que congrega os sindicatos gaúchos, aprovou que até o dia 30 de junho deve ser feito o Enclat (Encontro das Classes Trabalhadoras). Deliberou por critérios democráticos de participação e rechaçou as teses de adiamento da Conclat.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas foi taxativo ao afirmar: "Para os que não querem a Conclat este ano, por dizerem que este é um ano de eleição e de Copa do Mundo, nós dizemos: Todos os anos no Brasil são anos de futebol e de política. Enquanto nos campos de futebol, com estádios cheios, grita-se gol, alguém morre de fome. Quanto a

fazer campanha eleitoral, nada contra. Mas querer proibir os trabalhadores de se organizarem, isto sim, somos contra".

Todas as propostas apresentadas pelos sindicalistas do Vale dos Sinos, liderados pelos metalúrgicos de Canoas, foram aprovadas. Decidiu-se que o Enclat deve ser o mais amplo e democrático possível, tirando-se como resolução que todos os Sindicatos devem imprimir boletins explicando o papel da CUT; em que os delegados para a Enclat e Conclat devem ser eleitos em assembleias ampliar a participação das bases trabalhadoras, o número de delegados para o Enclat deve ser o dobro do proposto pela Pró-CUT para a Conclat.

(da Sucursal)



O corte da cana não será realizado se Atalla (foto menor) não pagar os salários atrasados

Operários vão à greve contra Atalla no Paraná

Os nove mil trabalhadores da Usina Central do Paraná avisaram que não vão permitir o início da safra de açúcar e álcool antes que a empresa ponha em dia seus salários atrasados há vários meses. A greve pode ser deflagrada no dia 10 de junho, quando começa oficialmente a safra canavieira e vai prejudicar a maior produção de açúcar da história do Paraná. A Usina pertence ao Grupo Atalla e fica em Porecatu.

O clima de tensão é grande na região. O movimento dos trabalhadores é quase clandestino e enfrenta um inimigo poderoso, que comanda a polícia, a prefeitura, os órgãos públicos e tem a

sua própria milícia de segurança. Por isso, os trabalhadores se organizam e pressionam o Sindicato, que sempre se manteve ao lado dos patrões. Contam com a solidariedade da população.

SITUAÇÃO DE MISÉRIA

No início do mês, uma mulher desmaiou de fome na rua central de Porecatu. Ela e o marido não recebem há quatro meses, contou na ocasião. Além do atraso do pagamento, outra ameaça pesa sobre os trabalhadores: o desemprego. Todos os dias, na porta do escritório da Usina, há uma fila de demitidos esperando o acerto de contas. Os trabalhadores querem o fim das demissões, que normalmente acontecem no final das safras, mas que este ano, com a crise, começaram antes do corte de cana.

Os que trabalham na lavoura não têm direito nem mesmo de cultivar uma horta. "Isto foi proibido por Atalla, que assim garante o bom movimento do supermercado de sua propriedade em Porecatu", diz um operário. O único jeito é a greve, dizem todos, animados com a greve que já dura dois meses na Usina de Jaú, São Paulo, também do Grupo Atalla.

A GREVE DE JAÚ

Em Jaú os trabalhadores entraram em greve para receber os salários de janeiro, fevereiro, março e abril. E agora vem maio, e vai para 5 os meses em atraso pelos Atalla. A colheita da cana não começou, devido à greve dos trabalhadores. A situação é de crise geral, e ao que parece, os Atalla estão tentando novamente que o governo federal cubra os gastos com os atrasados da empresa e "banque sua crise". Antes, perto de 3 mil trabalhadores plantavam nas várias fazendas. Agora, só perto de 500 estão lá, sem trabalhar, sem receber, passando fome.

(das sucursais)



Em Goiás, os professores dão lição de greve: não se deixam intimidar pelo governo

Professor de Goiás decide pela continuidade da greve

Os professores da rede oficial de ensino continuam em greve em Goiás. Na Bahia, devido à forte repressão desencadeada pelo governador Antonio Carlos Magalhães, os professores decidiram suspender as paralizações das aulas. Também no Acre a greve foi interrompida, com o compromisso do governador Joaquim Macedo em negociar com os professores.

Em Goiás, diante da intransigência do governador Ary Valadão em recusar a negociação com os professores, a greve na rede pública prossegue. Em assembleia no dia 18, mais de 12 mil professores estaduais decidiram dar continuidade ao movimento grevista, deflagrado há mais de um mês. Até o momento, Ary Valadão não atendeu nenhuma das reivindicações. A greve se estende por mais de 20 cidades do Estado. Também os professores da rede municipal, em Goiânia, continuam paralizados, pois a mensagem enviada por Índio Artiaga à Câmara Municipal, antes de deixar a prefeitura, não atingiu nem 70% de aumento para o funcionalismo.

Os professores exigem a aprovação do Estatuto do Magistério e equiparação salarial com os da rede estadual. As assembleias têm tido boa participação (média de mil pessoas) e os grevistas têm realizado sistematicamente visitas às escolas, como forma de manter a greve. O governo organizou uma comissão de negociação paralela, numa tentativa de esvaziar o Centro dos Professores de Goiás (CPG). Com isso, em algumas escolas os professores voltaram às aulas, mas tão logo perceberam o engodo, paralizaram novamente, "e com novo ânimo", como afirmou o presidente do CPG, Osmar Magalhães.

FIM DA GREVE

Na Bahia, os professores resolveram suspender a greve, devido à forte repressão contra o movimento, comandada pelo governador Antônio Magalhães. Contudo, os professores não se julgam derrotados, e o Comando de Greve considerou que "o movimento conseguiu o apoio da opinião pública e serviu para desmascarar o tirano Antonio Carlos Magalhães". Além do mais, no processo, os professores reforçaram suas entidades. (Das sucursais)

A luta armada de Porecatu

A luta dos trabalhadores da Usina Central do Paraná — Grupo Atalla —, de Porecatu, faz lembrar uma outra luta que, há 31 anos, conflagrou a região: a resistência armada dos camponeses de Porecatu contra a ação de grileiros e latifundiários. Por mais de um ano, interdiados no mato, fustigando as forças policiais e jagunços dos latifundiários (um dos mais famosos jagunços da região acabou justicado), os camponeses de Porecatu lutaram pela posse da terra, das então fértilíssimas terras do norte do Paraná, avidamente cobiçadas pelos grandes proprietários.

Um dos líderes desta resistência foi Manoel Jacinto Correia, até hoje um nome que impõe respeito e admiração no Paraná, principalmente no norte do estado. Manoel Jacinto também desenvolveu um grande trabalho junto a trabalhadores rurais e camponeses no interior de São Paulo. Em então

vereador em Londrina. Ele só escapou da cassação do mandato em 1947, quando o FC do Brasil foi posto na ilegalidade, porque se elegera pela legenda do antigo PTB.

"Não se tratou de uma guerra de guerrilhas, nem seria possível incluir esta luta dentro de uma guerra pela libertação nacional", diz Manoel Jacinto. Acossados pelos latifundiários, que queriam tomar suas terras, aos camponeses não restou outra alternativa que pegar em armas. "Essa decisão", afirma Jacinto, "foi tomada livre e conscientemente pelos camponeses, que recorreram ao Partido para dirigir a luta".

Agora que os trabalhadores da Usina do grande capitalista e latifundiário Atalla se levantam contra exploração, é exemplo heroico da resistência camponesa de 1949-1951. Em Porecatu volta a memória dos que lutam pela libertação da classe operária e do povo brasileiro.



Empregada torturada por fazendeiro até desmaiar

A população de Aruanã está indignada com esta brutalidade

A cidade de Aruanã vive dias de revolta e asco pelas brutalidades cometidas pelo fazendeiro Laurinho Lobo e pelo delegado Valdeci Garcia Alves. Tudo ocorreu no dia 12 de abril, quando a empregada doméstica Doraci da Silva foi torturada pelo delegado e pelo fazendeiro.

Doraci trabalhava na fazenda de Laurinho. Este a acusou de ter roubado um cordão de ouro pertencente à sua mulher. No dia 11, o fazendeiro conduziu Doraci até a delegacia da cidade, onde a empregada doméstica sofreu toda sorte de pressão psicológica para contar onde estava o cordão. O delegado ameaçou-a, dizendo que se

não informasse onde estava o cordão, iria levá-la para Goiás Velho, arrancar suas unhas e apertar sua cabeça numa engrenagem de ferro. Diante de tais pressões, Doraci confessou ter ocultado a peça. Mas toda a procura foi inútil, mostrando que na realidade ela nada sabia.

Mesmo assim a doméstica não foi libertada. Passou a noite chorando na cadeia. No dia seguinte foi retirada e conduzida para uma represa, distante 20 quilômetros de Aruanã. Neste local ela foi torturada barbaramente, sendo que a sessão de tortura era comandada pelo próprio delegado Valdeci e pelo fazendeiro. O empregado de Lauri-

nho, conhecido por Raul Português, cortava varas para os demais utilizá-las no espancamento. Doraci apanhou até desmaiar. Segundo revelou um soldado de nome Severino, quando ela caiu sem sentidos, o fazendeiro sacou seu revólver com a intenção de matá-la, mas foi impedido pelos demais.

Mas a selvageria não parou aí. Doraci foi levada novamente para a cadeia e obrigada pelo soldado Severino a sentar-se numa bacia com água e sal. Todas estas brutalidades revoltaram a população da cidade de Aruanã, que conhece a fama de carrasco do delegado e do fazendeiro. (Um amigo da TO em Aruanã, Goiás)

Têxteis baianos querem criar comissão de fábrica na Cobafi

No último dia 9, o nosso companheiro Paulo, trabalhador da Cobafi, sofreu um acidente automobilístico que o deixou em estado grave. Sabemos que até o momento, o máximo que os patrões fizeram em prol da saúde do nosso companheiro foi deixar que o mesmo permanecesse internado na Clínica Assisto, em Camaçari. Esta clínica é

considerada pela população local como um verdadeiro "estabelecimento de Chacina", devido a falta de infraestrutura. Por isso, Paulo até agora não obteve melhora.

Este fato tem tido uma repercussão muito grande e os têxteis, com isso, vem mostrando um interesse grande para a organização de uma Comis-

são de Fábrica. Este órgão deverá ser formado por um grupo de trabalhadores comprometidos a lutar em defesa de seus companheiros. Unidos e organizados seremos uma força capaz de fazer com que os patrões se dobrem diante das reivindicações dos nossos direitos. (Grupo de operários têxteis — Camaçari, Bahia)

Leitor cearense revoltado com o sofrimento do povo



Sou revoltado com este regime corrupto implantado em nosso país. Sou revoltado com tudo aquilo que causa mal ao ser humano, principalmente ao pobre. Leio a Tribuna Operária e vejo como na realidade tem gente sofrendo, passando fome, comendo ratos secos, bebendo lama ao invés de água. É uma miséria total. Como eu mesmo, que estou desempregado desde novembro passado. Sou ajustador mecânico. Só não já comi rato seco, porque minha família tem dado um jeito menos contagioso.

Temos que lutar ainda mais pelos nossos direitos de comunicação, ou seja, pelo direito de imprensa. Via manchete da TO desta semana e concluí que é um absurdo: quanto mais usinas se faz neste país, mais caro se paga pela luz que nos ilumina. Democracia é o governo do povo, para o povo e com o povo. Dá pra perceber claramente, que o nosso país vive num regime de "carrasco" e não de "democracia". (J.O.F.R. — Fortaleza, Ceará)

Aprovado no IABAS do Rio protesta

Desejo tornar pública minha revolta contra os organizadores do concurso para agente administrativo do IAPAS, aqui no Rio de Janeiro.

Os resultados do concurso foram publicados em novembro de 1981. Até hoje nin-

guém foi chamado. O IAPAS diz que quem vai chamar é o órgão para o qual aprovado for designado. No meu caso, fui designado para o INAMPS, liguei para o departamento de pessoal deste órgão e me disseram que nada sabiam. O DASP, por sua vez, diz que

delegou ao IAPAS competência para realizar o concurso e não assume.

Dizem que querem doutrinar a juventude e moralizar a nação. Mas como, se a corrupção vem de cima para baixo? (M.R.C. — Rio de Janeiro)

FALA O POVO

Escoteiro denuncia manipulação do PDS

Quero alertar os pais dos escoteiros do Grupo Escoteiro Minuano de usar os escoteiros para fazer segurança para os vereadores, prefeitos e governadores do PDS. Também foi pego em flagrante um escoteiro colando cartazes do político do PDS João Aparecido de Paula. O escoteiro aprende a viver com o verde e os animais e não a fazer as políticas que eles mandam, mas sim o que a gente

acha melhor para nós e para o povo. E esse grupo corre o risco de ir a falência.

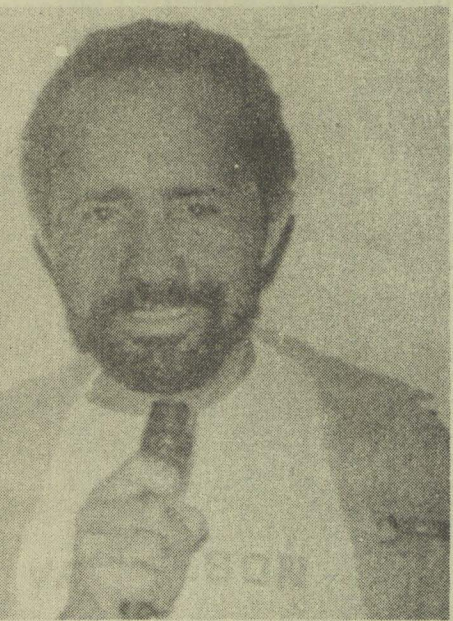
O problema é mudar toda a chefia, principalmente o presidente João e o hipócrita do chefe Hamilton, que deu início a tudo.

Tenho 12 anos e sou escoteiro do Conjunto Padre José de Anchieta. (Um escoteiro, São Paulo)

Lavradores de Caetité já têm novo Sindicato

Em assembléia realizada no cine Pax, com a participação da Fetag e CPT, foi reorganizado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetité, no sertão baiano. A nova diretoria é composta por José Ferreira de Mello (Manezinho), presidente; Germínio José de Carvalho, secretário e José Maria, tesoureiro. O novo sindicato já está funcionando numa sede que fica próxima ao Mercado Municipal.

O Sindicato de Caetité foi fundado em 1978, através de manobras eleitoreiras da antiga Arena, que pretendia através do Sindicato mobilizar os lavradores do município para votar nos candidatos do governo. A FETAG tomou conhecimento dessa manobra e fez com que o Sindicato dos Trabalhadores rurais fosse desativado, já que não chegou mesmo a desempenhar seus objetivos mínimos. Agora, reorganizado e com verda-



Manezinho, o novo presidente do Sindicato

deiros trabalhadores rurais em sua direção, o Sindicato está realizando ampla campanha de sindicalização, congregará camponeses sem terra, lavradores, assalariados agrícolas, pequenos e médios proprietários. (Caetité, Bahia)

TV Globo mostra uma falsa imagem das enfermeiras

Ultimamente, o Hospital da Lagoa (INAMPS/RJ) vem sendo alvo das investidas da Rede Globo de Televisão. Em detrimento do atendimento hospitalar, ela não hesita em filmar suas novelas atuais "Elas por Elas" e "7º Sentido" nos corredores e enfermarias deste hospital. O mais revoltante é que procuram passar a imagem da enfermeira "picareta", de há-

bitos e costumes poucos honestos, o que deixou as companheiras revoltadas.

A profissão de enfermagem é tão digna como qualquer outra atividade e não queremos ser comparadas a estes estereótipos de valores decadentes.

(Enfermeiras do Hospital da Lagoa, Rio de Janeiro)



Flagelados de Ipatinga foram agredidos por quererem casa

Desde 1979, devido às enchentes, vários flagelados ficaram em dificuldades e sem condições de moradia. No dia 1º de maio, alguns destes flagelados que moram debaixo de pontes resolveram invadir o terreno da prefeitura de Ipatinga, no bairro Vale do Sol. Foram através de várias reuniões destes flagelados com a SABI (Sociedade Amigos de Bairros de Iguaçu) que os flagelados resolveram tomar a iniciativa de invasão.

Dia 1º, pela manhã, quatro famílias chegaram com tábuas e ferramentas para construir os barracos. Imediatamente chegou a polícia armada de metralhadoras e espancou os invasores. Quebraram a dentadura de uma senhora de 46 anos e até chuta-

ram a cabeça de uma criança de 5 anos de idade. Após esta reação da polícia, setores democráticos e populares se reuniram e começaram a denunciar pelo rádio e mobilizar os demais flagelados.

No dia 5, cerca de 100 flagelados decidiram ir até a delegacia regional exigir uma explicação sobre a violenta repressão. Mas na delegacia o delegado mandou que procurassem a Câmara dos Vereadores. Na Câmara, quando procuravam falar com o prefeito, a polícia prendeu o presidente da SABI e só liberou-o à tarde, após ser interrogado. A polícia cercou o local da invasão e impediu a entrada de outros invasores. (Um leitor amigo da TO — Ipatinga, Minas Gerais)

Aluna não aceita a demissão de seu professor em Goiás

Como sempre, este governo sem caráter age novamente, demitindo professores bons como o João Pecin, o Geraldo, Ailton e o Elias, que só querem a justiça. A greve é devido à micharia que os professores ganham. O governo quer mostrar para o povo que está trabalhando, mas sabemos que só quer se promover, só quer ganhar um cargo alto e destrutir de mais dinheiro do povo. Nas

eleições e fora delas, o governo faz campanha suja e só quer massacrar o povo.

Eu digo: um dia o povo vai cansar de ser roubado e vai tirar esses corruptos do alto. Vamos todos juntos colocar pessoas honestas, trabalhadores no poder para ajudar o povo. (Uma aluna do Colégio Dom Bosco — 11 anos — Goiânia, Goiás)



fala o POVO

Neste número damos destaque para uma carta que veio de Goiás relatando a brutalidade de um fazendeiro e um delegado contra uma empregada doméstica. A violência contra a pobre trabalhadora foi tanta que toda a população da cidade se revoltou. Este fato vem confirmar as denúncias das domésticas do Rio de Janeiro, que publicamos no número passado, que mostravam a situação de escravidão da categoria.

Este tipo de denúncia vem mostrar mais uma vez o tipo de sociedade em que vivemos. Onde os patrões e exploradores cometem todo tipo de crime e ficam impunes. Continuam a nos escrever denunciando as injustiças.

Peão mostra exploração nas obras de São Luis

Escrevo para fazer um apelo ao sr. ministro do Trabalho, a fim de que haja uma fiscalização melhor aqui na construção do Estádio do Castelão, em São Luiz do Maranhão. Comida aqui só se come pasqueiro. Ainda por cima há ameaça de morte por parte do cantineiro, que serve e comida com um revolver na cintura. E a polícia toda hora surge, armada de metralhadora. Só vocês deste jornal podem nos ajudar. (A.T. - São Luiz, Maranhão)

Moradores exigem melhor transporte em Camaragibe

Todas as áreas do Recife e grande Recife estão sofrendo um processo de implantação do sistema de transbordo (baldeação), imposto pela EMTU e CTU. Em nada corresponde com a perspectiva de melhores transportes para o povo, causando já grandes tumultos em áreas como Macaxeiras, Paratibe, Minueira, etc., onde já foi implantando este sistema. Em Camaragibe realizamos várias reuniões e uma assembléia, dia 26 de abril, com mais de 500 pessoas, onde foi colocado o problema de transporte.

Os representantes da EMTU, CTU e o gerente da empresa de ônibus local, compareceram à assembléia, se alteraram e não responderam às exigências do povo, se negando a assumir a proposta levantada pela população que gritava:

— Transbordo não é solução!
— Queremos ônibus direto Camaragibe-Recife!
— Reivindicamos melhores transportes e atendimentos!

A gente vê como forma de barrar mais este descaso do governo para com o povo, a organização dos bairros e o protesto contra este abuso. Fica cada vez mais claro que o governo em nada se identifica com o povo. O povo unido, jamais será vencido!

(Moradores de Camaragibe - Pernambuco)

Com essa inflação ninguém pode viver não!

A inflação é um problema Que sacrifica a nação Pois quem mais trabalha É quem menos tem condição Pois se trabalha um dia Para comprar um quilo de feijão Olhe senhor presidente Que desse jeito ninguém pode viver não

Pois perguntamos: quédê os ministérios Pra não verem a nossa situação? E os deputados e senadores Que ficam lá na assembléia Fazendo a legislação Mas só se lembram do povo Na época da eleição? Pois este é que é o tempo De se lembrarem do povo Combatendo a inflação Pois do jeito que vai Ninguém pode viver não Aqui não houve inverno Estamos na pior situação Ai tem um plano de emergência Mas só protege o patrão Pois se não há emergência pra todos Modere esta inflação. (J.J.M. - Crato, Ceará)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O proletariado e a luta nacional

A guerra das Malvinas reacendeu por todo lado a discussão sobre o problema da luta nacional. E sobre isto é importante não só defender as nações oprimidas pelo imperialismo, como separar a posição do proletariado do nacionalismo burguês. Os interesses da classe operária e o direito das nações — que são integradas por diversas classes — são duas coisas distintas, que podem se unir numa frente comum de acordo com as condições de cada país.

LUTA REVOLUCIONÁRIA

O proletariado mundial luta contra a exploração e a opressão capitalista e procura a união de todos os seus destacamentos, independente das nações a que pertencem, numa força internacional pelo socialismo.

Por outro lado, o sistema capitalista não pode viver sem a exploração das colônias e dos países dependentes. O capitalismo divide o mundo num pequeno grupo de países imperialistas que oprime a imensa maioria da população mundial e os povos oprimidos e explorados das colônias, semi-colônias e países dependentes que lutam pela libertação. O único caminho pelo qual estes povos encontrarão a liberdade é a luta revolucionária contra o imperialismo. Os interesses do movimento proletário e do movimento de libertação nacional possuem portanto um inimigo comum. Nesse sentido, o movimento de libertação nacional é uma arma de luta contra a opressão e abre caminho para a revolução proletária.

CONFLITO INCONCILIÁVEL

Mas isto não quer dizer que qualquer luta nacional tem um caráter revolucionário. Em certos momentos a burguesia procura desviar a atenção dos problemas sociais das massas para os problemas nacionais. Trata de ressaltar a harmonia de interesses entre a burguesia e o proletariado para camuflar o conflito inconciliável entre estas duas classes.

Ao proletariado interessa a luta contra a opressão das nações pelas potências imperialistas e pela independência e igualdade entre as nações. Interessa também denunciar a política de jogar uma nação contra a outra para dividir os oprimidos e favorecer a dominação burguesa. No caso das Malvinas por exemplo, interessa ao proletariado defender o legítimo direito do povo argentino sobre as ilhas. Mas não interessa fortalecer a ditadura vendepátria de Galtieri que tenta uma manobra para sufocar dentro da Argentina os anseios democráticos e populares. Interessa ao proletariado impulsionar o movimento revolucionário neste país como único caminho de liquidar o fascismo e o banditismo do imperialismo britânico.

LIQUIDAR A OPRESSÃO

O critério fundamental para definir o caráter revolucionário dos movimentos nacionais, nas condições atuais da dominação imperialista, deve ser o seu resultado concreto no sentido de manter ou de debilitar e liquidar esta dominação. No caso das Malvinas, os generais fascistas, longe de se oporem à opressão imperialista, sempre foram e continuam sendo, os principais sustentáculos desta exploração em seu próprio país. No caso atual, tratam de explorar um legítimo direito do povo para manter o regime militar. E a Inglaterra, inimiga declarada dos povos, utiliza o episódio para acentuar a sua atividade belicista e para tentar atemorizar todos os que se levantam para contestar a sua presença colonialista.

A luta do proletariado inglês contra o seu próprio imperialismo ajuda a luta do povo argentino e dos povos latino-americanos por sua libertação. Por sua vez, a luta dos povos da Argentina e de toda a América Latina contra os regimes fascistas e contra a dominação imperialista, contribui para a revolução na Inglaterra. A seguir, a luta revolucionária e a atuação nos sindicatos.

Radiografia do socialismo

ENVER HOXHA



Relatório ao 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia

O relatório de Enver Hoxha ao VIII Congresso do PTA é uma importante radiografia da construção do socialismo na Albânia hoje e da própria conjuntura internacional, onde "a luta de todas as forças revolucionárias, progressistas e democráticas para denunciar e frustrar os planos de rapina e de escravidão das superpotências imperialistas é uma tarefa para a defesa da liberdade e da soberania dos povos, para o triunfo da revolução". Pedidos à Edit. Anita Garibaldi, Travessa Brig. Luís Antônio, 53, CEP 01318 - São Paulo, Capital.

A valorização da música regional no Som Brasil

No último dia 17, enquanto era gravado no estúdio da Globo em São Paulo o programa que será transmitido no domingo, 23, *Som Brasil*, o musical, apresentado por Rolando Boldrin, recebia o prêmio de melhor musical da televisão em 1981, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Era o reconhecimento ao esforço da produção do programa em realizar um trabalho sério de divulgação da música popular brasileira — principalmente as vertentes regionais da MPB.

Som Brasil trouxe para a principal rede de televisão do Brasil a Globo — um espaço para a música regional brasileira. Preencheu de fato um

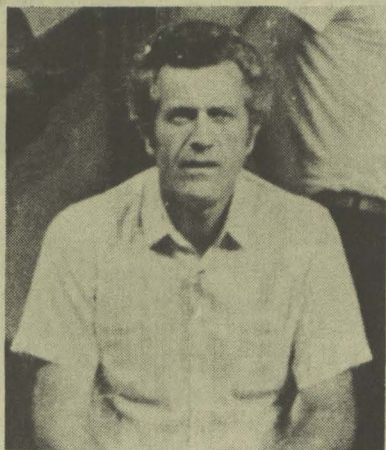


Foto L. Carlos Leite



Na foto menor, Boldrin. Na foto maior, Jaime e Nair no Som Brasil

espaço de grande aceitação do público. O próprio horário do programa — antes a manhã do domingo — tem conseguido espaços mais nobres na Globo — atualmente vai ao ar às 12h30m, quando é maior o número de aparelhos de televisão ligados. Outra grande virtude é o reviver da sátira política do camponês. Boldrin criou uma das principais duplas sertanejas do Brasil, que trabalhava com a sátira política: Alvarenga e Ranchinho. O apresentador substituiu o falecido Alvarenga nas "improvisações" e paródias com Ranchinho.

Dentro da preocupação de realizar um programa bem feito, que realmente divulgue valores da música brasileira, *Som Brasil* mostra não só os trabalhos de compositores e intérpretes conhecidos — como Sá e Guarabira, Diana Pequeno ou o Quarteto em Si —, mas também as canções de artistas que ainda não conseguiram sucesso público, como Jaime e Nair, ou mesmo que ainda não conseguiram gravar um disco, como a dupla Genésio e Jucenildo.

DIVULGAÇÃO DOS NOVOS

E não para aí. No programa do dia 23, por exemplo, Boldrin apresenta o sobrevivente da primeira dupla a gravar uma moda de viola no país — Sorocabinha, que com Mandica gravou um disco em 1929. Com 83 anos, Sorocabinha cantou no programa uma embolada de grande fôlego.

POESIA CABOCLA

Em todos os programas, Boldrin divulga também versos da poesia cabocla, geralmente sobre o trabalho, o amor ou a religiosidade do homem do campo. Contribui, assim, para a divulgação dessa forma de manifestação artística popular.

A premiação a *Som Brasil* faz justiça a um dos grandes programas da televisão brasileira, e mostra que a pesquisa junto às manifestações culturais do povo, a divulgação dos valores populares, tem boa acolhida junto ao público. E é fonte inesgotável para inúmeros programas, de qualidade artística e cultural. (Carlos Pompe)



Ze Netto

No forró o nordestino tem contato com a cultura de sua terra

Casas de forró, onde o nordestino afoga as mágoas

Em São Paulo, a terra dos migrantes, são inúmeras as casas de forró. Nelas os nordestinos relembram os costumes da terra natal. Nelas os assalariados tentam afogar as tristezas e esquecer a exploração diária na fábrica ou no canteiro-de-obras.



Chegando em São Paulo, a primeira preocupação do nordestino é um lugar para ficar. Passada esta etapa, vem a adaptação à vida da cidade grande e a integração com essa que, sem sombra de dúvida, é a maior colônia da grande metrópole. E o ponto de encontro e de folgação é em um gostoso forró, que traz a lembrança da terra distante, para onde todos esperam um dia voltar.

Casper Libero: "Eu venho aqui porque é um lugar diferente, onde me sinto bem. O pessoal é o maior barato, e conheço uma porção de gente. E de repente, você cruza com uma pá de gente que não está nem aí com o que dizem deles."

O músico Juracy cresceu no ambiente do forró. Para ele, o salão "é um lugar onde as pessoas se divertem muito. Aquela imagem de nordestino brigão e arruaçeiro deve ser deixada de lado, pois não é verdadeira. O que existe realmente é esse lado bonito do povo do nordeste, onde ressalta seu folclore, sua cultura e seu valor."

Também é essa a opinião de Pedro Sertanejo, proprietário do forró mais antigo de São Paulo, e que tem ainda o orgulho de ser o pai de um grande músico, o Osvaldinho do Acordeon. "Há 18 anos meu forró funciona no mesmo lugar", conta o Sertanejo. "Houve muita briga para conseguir que ele funcionasse em lugar fixo, porque antes era proibido". Atualmente, ao lado do Forró do Pedro Sertanejo, existem pelo menos outros oito salões de música nordestina.

ALEGRIA E DESCONTRAÇÃO

E no forró somem as lembranças amargas da exploração do dia-a-dia, da fábrica e do canteiro de obras. Ali o nordestino preserva com carinho e afeição o canto auzado do repentista, a virtuosidade do sanfoneiro, o gosto pela cachaça com carne-de-charque, a sua maneira de vestir que não respeita os padrões convencionais. E num forró encontramos, com sua melhor roupa, o nordestino perfumado, de rabo-de-olho na menina, com o sapato brilhando que só espelho. (Pernambuco)

LUGAR DIFERENTE

A grande maioria dos que frequentam os diversos salões da capital paulista são fregueses semanais, que não faltam um sábado sequer. Como Rosana, aluna da Faculdade



Sócrates, bom futebol na seleção

Campeonato Mundial Interclubes pelo Flamengo. Trata-se, portanto, de uma geração de craques revelada desde 78. Como disse o próprio Telê, "sem dúvida, é um bom time. Não imbatível ou perfeito, mas difícil de ser vencido". (Jessé Madureira)

Empate suado nas vésperas da Copa

Poucas horas antes do fechamento desta edição, a seleção do Brasil, desta vez em sua formação "quase ideal", segundo Telê, não passou de um modesto empate de 1 a 1 frente à seleção da Suíça, que está fora da Copa da Espanha e não fez nenhuma preparação especial para este jogo. Como o próprio técnico reconheceu, foi uma das piores apresentações.

A defesa esteve mal, principalmente pela insegurança dos laterais. Falcão ainda não foi a solução milagrosa para a meia cancha, a despeito de ter crescido ligeiramente de produção com a entrada de Cerezo no lugar de Sócrates. Careca perdeu uma valiosa chance de se firmar no comando do ataque e Serginho, que o substituiu, mostrou muita indecisão nos arremates a gol, mesmo se movimentando melhor.

Qui se confirma a tradição de sairmos variados para explorar em pleno campo, onde precisamos evoluir muito para confirmar o favoritismo. (JM)

Seleção de Telê tem apoio do torcedor brasileiro

A preferência manifestada veladamente por Telê em escalar Falcão no tripé de meio-campo, ao lado de Zico e Sócrates, afasta a última pendência na formação que disputará a primeira partida na Copa. Não há, desta feita, nenhuma "seleção do povo" em contraposição à opinião do técnico, como aconteceu nas Copas anteriores. A equipe montada por Telê reúne o consenso dos torcedores e é, desde já, a principal favorita no Mundial da Espanha.

As pesquisas realizadas pelo Instituto Gallup em diversos países da Europa e da América do Sul, os principais centros mundiais do futebol, apontam o Brasil como candidato mais forte ao título, na opinião de 25% dos consultados, contra 16% da Alemanha, 10% da Argentina, 6% da Espanha e 3% da Inglaterra.

No Brasil, a aprovação ao trabalho de Telê é praticamente geral, ressaltando-se algumas pequenas discordâncias com a lista dos convocados. E mesmo a decisão mais difícil para o técnico, definir os três jogadores do meio-campo entre cinco craques — Toninho Cerezo, Batista, Falcão, Sócrates e Zico —, também conta com o aval de todos.

Ainda que Telê possa fazer alguma alteração pela direita, já que em todos os treinamentos tem insistido no revezamento de

Zico e Paulo Isidoro por este setor, a solução final certamente incluirá o "Rei de Roma". É importante a presença no time de um jogador destruidor e especialista na cabeça-de-área, como era Clodoaldo no grande time de 70 e como Batista tem sido no Grêmio, e em parte Toninho Cerezo tem sido no Atlético Mineiro e nos amistosos da seleção.

Esta opção, entretanto, consolidaria a presença de Batista no time, pois Toninho Cerezo não pode jogar a primeira partida contra a União Soviética, por estar suspenso. E o médio gaúcho já demonstrou, no jogo contra Portugal, que não deixará escapar nenhuma oportunidade de ganhar a camisa titular. Um deles, ou mesmo ambos, ficarão fora do time principal, pois Falcão, Sócrates e Zico estão garantidos. Não é intenção de Telê abrir mão de um centro avançado autêntico e um ponta ofensivo no caso, Eder.

SELEÇÃO DE PREDICADOS

A seleção atual reúne todos os predicados para fazer boa campanha e talvez restabelecer a supremacia do futebol brasileiro no mundo. O elenco é seguramente o de melhor nível intelectual em todas as Copas que disputamos, onde despontam lideranças de bom nível cultural, como Sócrates, Zico, Oscar, o que contribui para fortalecer o clima de solidariedade e boa convivência do grupo selecionado.

A experiência dos jogadores em disputas internacionais e decisivas é outro fator importante a nosso favor. Valdir Peres e Dirceu disputam a terceira Copa; Oscar, Edinho, Batista, Zico, Cerezo e Carlos vão à Copa pela segunda vez. Além disso, três jogadores da atual seleção acabam de vencer o



Falcão e Zico, triunfos na Copa



Sérgio Sobrinho

Não são somente os nordestinos que vão prestigiar o forró

33 projetos para hipotecar o país

Trancados a sete chaves, no mais absoluto segredo, os tecnocratas que trabalham para o regime militar acabam de elaborar um programa de 33 projetos básicos que vão hipotecar a nação brasileira nos próximos dez anos. Nem o Congresso Nacional tem conhecimento do plano que, no círculo fechado do Palácio do Planalto, é chamado como "os Grandes Projetos". Muitos deles já estão em execução e os investimentos globais são

estimados em 299 bilhões de dólares. Calculados os juros, chegam a aproximadamente 320 bilhões de dólares — 53 trilhões de cruzeiros ao câmbio atual — ou seja, mais de cinco vezes o total da dívida externa atual.

Quem faz esta denúncia é o deputado federal Hélio Duque, do PMDB paranaense. E as informações foram obtidas com a ajuda de técnicos que trabalham dentro dos próprios órgãos governamentais.

Em qualquer país, mesmo onde exista uma democracia burguesa, um plano desta envergadura, envolvendo soma tão grande de recursos e comprometendo o futuro do país, seria no mínimo debatido cuidadosamente pelo Legislativo. Mas no regime dos generais isto fica restrito aos gabinetes de um reduzido círculo que detém o monopólio do poder e da informação no país. O fato é ainda mais assustador quando se acrescenta que a maior parte dos recursos a serem empregados virá de investimentos multinacionais, e de verbas estatais obtidas pelo adiamento de outras obras de caráter social.

Para os tecnocratas não importa se há 6 milhões sem emprego

Hélio Duque comenta que para os planejadores oficiais a economia brasileira é constituída apenas por empresas registradas e cadastradas, pelo sistema financeiro e pelo Produto Interno Bruto (PIB). Para estes tecnocratas pouco importa que existam 6 milhões de desempregados e 12 milhões de subempregados. Para eles carestia e inflação não contam. O que interessa é crescimento econômico, a qualquer preço.

A dura labuta dos bóias-frias da cana e a super-usina dos Ometto na Bahia: contrastes que o Próalcool acentua



Os peões e as escavações do Grande Carajás, um projeto para entregar nosso ferro, manganês, alumínio...

Entre os "Grandes Projetos", alguns já estão em execução. É o caso do Programa Nuclear, inteiramente planejado e desenvolvido para atender a interesses imperialistas, e que envolve um investimento de 30 bilhões de dólares. O projeto Jica, planejado pela Japan International Cooperation Agency — órgão oficial do governo do Japão — visa uma verdadeira internacionalização dos cerrados brasileiros, configurando a formação de um "Estado dentro do Estado".

O programa das grandes hidrelétricas é voltado para fornecer energia barata aos grupos multinacionais. A eletricidade de Tucuruí, por exemplo, vai ser entregue com 25% de desconto para os complexos de alumínio Alumar e Albrás — Alunorte, dominadas pelo capital multinacional.

Só o Projeto Grande Carajás fica com 60 bilhões de dólares

O projeto Grande Carajás, com um investimento previsto de 60 bilhões de dólares, entrega ao capital estrangeiro o manganês, o ferro, a bauxita e as riquezas agro-florestais da Amazônia Oriental.

Para promover esta entrega de riquezas por atacado, alienar extensas áreas do território brasileiro e acentuar o controle imperialista sobre os setores vitais de nossa economia, o governo planeja investir o equivalente a quase a metade do orçamento dos Estados Unidos para 1982, que é da ordem de 723 bilhões de dólares, e mais do que o próprio Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que é da ordem de 280 bilhões de dólares.

A Alumar vai criar 3 mil empregos mas destruirá 65 mil!

Mais absurdo ainda é que estes projetos serão implantados com base em tecnologia que usa pouca mão-de-obra. Por exemplo o projeto Alumar, que vai produzir 600 mil toneladas de alumina e alumi-

nio, empregará apenas 3 mil trabalhadores. E ainda vai tirar o trabalho de 65 mil pescadores artesanais que vivem em São Luís do Maranhão. De acordo com os dados disponíveis, calcula-se que no total dos "Grandes Projetos" cada emprego a ser gerado exigirá um investimento aproximado de 150 mil dólares. Algo inacreditável, mas rigorosamente verdadeiro.

Os recursos para estes projetos serão em grande parte estatais. A revista *The Banker*, porta-voz dos banqueiros internacionais declarou cinicamente que os grandes projetos na Amazônia "são muito atraentes" mas que os investimentos só se realizarão depois que o governo brasileiro fizesse as "obras de infraestrutura necessários" — pontes, ferrovias, portos, vilas habitacionais. E ainda exigem incentivos fiscais. A Shell e a Alcoa, por exemplo, ficarão dez anos sem

pagar impostos nos projetos de alumínio do Maranhão.

Outra parte dos recursos será obtida através de empréstimos estrangeiros. O Banco Mundial liberou este mês 250 milhões de dólares para o Pró-alcool. E só para pagar Itaipu, Tucuruí e o reator nuclear Angra I a Eletrobrás já deve 9 bilhões de dólares!

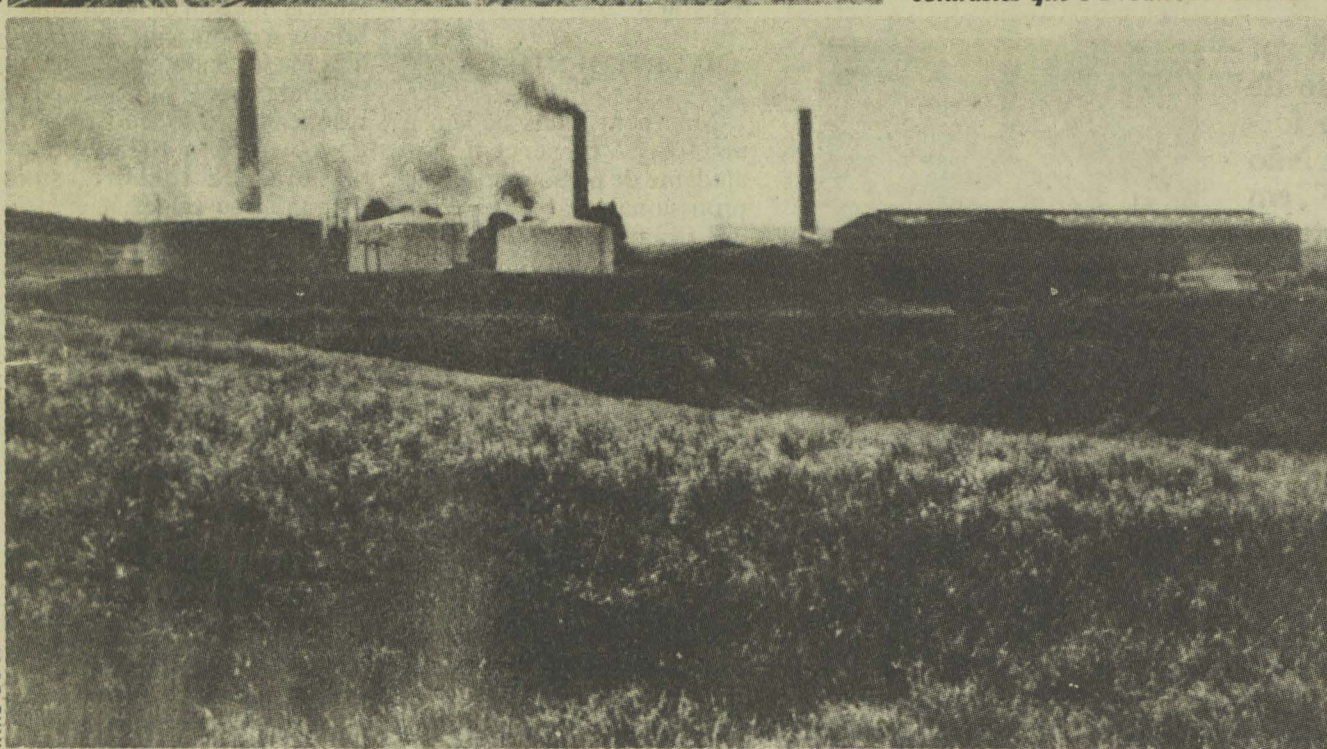
Só a Eletrobrás tem uma dívida externa de US\$ 9 bilhões

Os brasileiros precisam conhecer estes projetos até agora sigilosos e profundamente nocivos. Em plena crise de desemprego e com uma dívida externa que ameaça o país de bancarrota, os pretensos iluminados do Palácio do Planalto teimam em impor seus planos sem consultar a ninguém. Jogam mais da metade dos investimentos da economia brasileira em 33 "Grandes Projetos" que aprofundam a dominação imperialista no país.

Negociatas que põem no chinelo até a Transamazônica

Enquanto isso, na educação cortam as verbas e impõem o ensino pago. Na previdência aumentam as contribuições pagas pelos trabalhadores e reduzem os serviços. Usam a poupança popular, das cadernetas, do FGTS, do PIS-Pasep para cobrir os déficits dos orçamentos públicos, fruto de sua política desastrosa.

Os brasileiros já não suportam a carga que os generais e seus tecnocratas lhes jogam nas costas. As pontes Rio-Niterói, as Transamazônicas, os planos do "Brasil Potência" resultaram em fome e desemprego. E agora os "Grandes Projetos" seguirão o mesmo caminho. Só que envolvem somas incalculavelmente maiores, e já anunciam uma crise sem precedentes. (da Sucursal de Curitiba)



A hipoteca da nação será por fatias

Os "grandes projetos" estão divididos em sete grupos.

GRUPO I - Amazônia Oriental: compreende os setores minero-metalúrgico, agroflorestal e infraestrutura. Os projetos já em execução são Ferro-Carajás e a Hidrelétrica de Tucuruí.

GRUPO II - Programas energéticos: se expressa no Programa Nuclear, Programa Nacional do Alcool e Prócarvão; projetos de energia elétrica, destacando-se Itaipu; programas de produção de petróleo e o gasoduto Bolívia-Brasil.

GRUPO III - Infraestrutura básica: traduz-se nos projetos de transporte ferroviário de carga e passageiros, programa de construção naval e programas de telecomunicações.

GRUPO IV - Infraestrutura social: inclui os programas da Planasa e Promorar, que têm como executor o BNH.

GRUPO V - Agricultura: especifica os programas dos cerrados, irrigação das várzeas e Polonordeste.

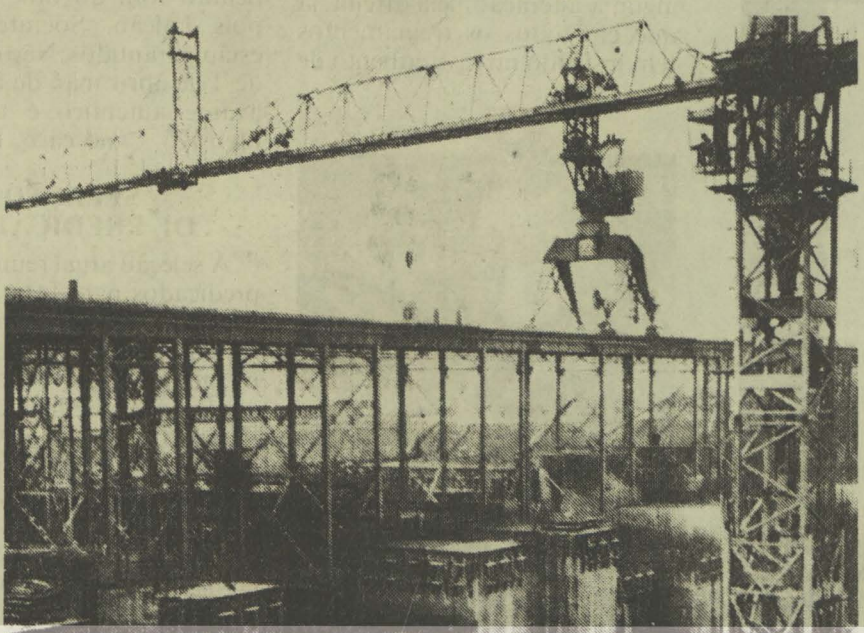
GRUPO VI - Programa siderúrgico: compreende os planos de expansão das três maiores siderúrgicas do país — Siderúrgica Nacional, Cosipa e Usiminas, além de novas siderúrgicas.

GRUPO VII - Outros programas: abarca os programas industriais não classificáveis nos grupos anteriores e que ainda demandarão grande volume de recursos, principalmente a produção de cimento e a petroquímica da Região Sul.

Prioridades comprovam o entreguismo

Observe como a prioridade é para os projetos com participação estrangeira

1. Programa Grande Carajás
2. Projeto de Ferro Carajás
3. Projeto Albrás-Alunorte
4. Projeto da Alcoa
5. Usina Hidrelétrica de Tucuruí
6. Programa Nuclear
7. Próalcool
8. Prócarvão
9. Usina Hidrelétrica de Itaipu
10. Projetos térmicos a carvão
11. Outras hidrelétricas
12. Bacia petrolífera de Campos
13. Projeto Gasoduto Brasil-Bolívia
14. Projeto do Xisto Betuminoso
15. Ferrovia do Aço
16. Ferrovia da Soja
17. Projeto da Malha Básica
18. Metrô do Rio e São Paulo
19. Transportes em regiões metropolitanas
20. Telecomunicações
21. Programa Portuário Nacional
22. Programa de construção naval
23. Promorar
24. Planasa
25. Jica Cerrados
26. Próvarzeas
27. Polonordeste
28. Siderúrgica de Tubarão
29. Açominas
30. Estágio nº 3 das Siderúrgicas de Volta Redonda e Cosipa
31. Outras siderúrgicas
32. Programa do cimento
33. Petroquímica do Rio Grande do Sul



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Camargo

A hidrelétrica de Tucuruí: sob encomenda para dar energia às multinacionais